

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BELIZA REGINA BORBA DE ALMEIDA

TONY LAWSON E A CONCEPÇÃO DE UNIDADE DA HETERODOXIA ECONÔMICA:
DO REALISMO CRÍTICO À TEORIA DA ONTOLOGIA SOCIAL

CURITIBA

2023

BELIZA REGINA BORBA DE ALMEIDA

TONY LAWSON E A CONCEPÇÃO DE UNIDADE DA HETERODOXIA ECONÔMICA:
DO REALISMO CRÍTICO À TEORIA DA ONTOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Econômico.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Ribas Cavalieri
Coorientador: Prof. Dr. José Felipe Araujo de Almeida

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Almeida, Beliza Regina Borba de
Tony Lawson e a concepção de unidade da heterodoxia
econômica : do realismo crítico à teoria da ontologia social / Beliza
Regina Borba de Almeida. – Curitiba, 2023.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná,
Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-
Graduação em Desenvolvimento Econômico.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Ribas Cavalieri.

Coorientador: Prof. Dr. José Felipe Araujo de Almeida.

1. Lawson, Tony. 2. Heterodoxia econômica. 3. Realismo
crítico. 4. Ontologia social. I. Cavalieri, Marco Antônio Ribas.
II. Almeida, José Felipe Araujo de. III. Universidade Federal do
Paraná. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Econômico. IV. Título.

Bibliotecária: Maria Lidiane Herculano Graciosa CRB-9/2008



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIENCIAS SOCIAIS E APLICADAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO - 40001016024P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **BELIZA REGINA BORBA DE ALMEIDA** intitulada: **Tony Lawson e a concepção de unidade da heterodoxia econômica: do realismo crítico à teoria da ontologia social**, sob orientação do Prof. Dr. MARCO ANTONIO RIBAS CAVALIERI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Fevereiro de 2023.

Assinatura Eletrônica
01/03/2023 07:59:56.0
MARCO ANTONIO RIBAS CAVALIERI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
02/03/2023 14:21:29.0
JOSE RICARDO FUCIDJI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

Assinatura Eletrônica
01/03/2023 15:03:51.0
MARÍNDIA BRITES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE)

Assinatura Eletrônica
28/02/2023 16:52:00.0
JOSE FELIPE ARAUJO DE ALMEIDA
Coorientador(a) (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

RESUMO

A construção da perspectiva filosófica do Professor Emérito de Economia e Filosofia da Universidade Cambridge, Tony Lawson, pode ser analisada a partir da divisão em fases de seus escritos ao longo dos últimos quarenta anos. Nos anos 1980 e 1990 há uma busca por referências filosóficas e econômicas na tentativa de embasar a crítica metodológica de Lawson à teoria dominante nas Ciências Econômicas. Nesse período, as obras de Keynes e de Roy Bhaskar são de extrema importância na configuração do que seria considerada a segunda fase de Lawson, a defesa da perspectiva filosófica do realismo crítico após a publicação de *"Economics and Reality"*. Nessa segunda fase, Lawson debate as suas concepções ontológicas e defende a tese de uma unidade ontológica que diferenciaria a metodologia da heterodoxia econômica. Representando o debate com as correntes heterodoxas se insere a controvérsia com Geoffrey Hodgson na definição de uma delimitação do Institucionalismo Original frente às demais teorias heterodoxas. Finalmente, uma terceira fase se estende até os dias atuais, em que Lawson não mais defende sua perspectiva filosófica como realismo crítico. A partir de 2009 o autor passa a referenciar sua teoria como Ontologia Social e passa a delinear a ideia de uma teoria do posicionamento social como unidade ontológica no entendimento das Ciências Sociais em geral. Esse trabalho pretende demonstrar tais fases na produção de Lawson com o fim de entender a crítica filosófico/metodológica à teoria econômica dominante, conforme proposta pelo autor.

Palavras-chave: Tony Lawson; Heterodoxia Econômica; Realismo Crítico; Ontologia Social.

ABSTRACT

The construction of the philosophical perspective of Professor Emeritus of Economics and Philosophy at the University of Cambridge, Tony Lawson, can be analyzed from the division into phases of his writings over the last forty years. In the 1980s and 1990s, there is a search for philosophical and economic references in an attempt to base Lawson's methodological criticism of the dominant theory in the Economic Sciences. In this period, the works of Keynes and Roy Bhaskar are extremely important in the configuration of what would be considered the second phase of Lawson, the defense of the philosophical perspective of critical realism after the publication of "Economics and Reality". In this second phase, Lawson discusses his ontological conceptions and defends the thesis of an ontological unit that would differentiate the methodology from economic heterodoxy. Representing the debate with heterodox currents, the controversy with Geoffrey Hodgson is inserted in the definition of a delimitation of the Original Institutionalism concerning the other heterodox theories. Finally, a third phase extends to the present day, in which Lawson no longer defends his philosophical perspective as critical realism. In 2009 the author starts to reference his theory as Social Ontology and begins to outline the idea of a theory of social positioning as an ontological unit in the understanding of Social Sciences in general. This work intends to demonstrate such phases in Lawson's production to understand the philosophical/methodological critique proposed by the economist.

Keywords: Tony Lawson; Economics Heterodoxy; Critical Realism; Social Ontology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – GRAFO DA REDE DE COCITAÇÃO DE AUTORES DA FASE 1 DOS ESCRITOS DE TONY LAWSON.....	14
FIGURA 2 – TESE LAWSONIANA DO COMPROMETIMENTO ONTOLÓGICO.....	27
FIGURA 3 – GRAFO DE COCORRÊNCIA DE TERMOS DA FASE 2 DOS ESCRITOS DE TONY LAWSON.....	36
FIGURA 4 – ESQUEMA EXPLICATIVO DO PROCESSO CIENTÍFICO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	38
FIGURA 5 – GRAFO DE COCORRÊNCIA DE TERMOS NAS TRÊS FASES DE ESCRITOS DE TONY LAWSON (1980 - 2022).....	55
FIGURA 6 – IMAGEM VOSVIEWER – FASE 1.....	73
FIGURA 7 – IMAGEM VOSVIEWER – FASE 2.....	73

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

CWJMK	The Collected Writings of John Maynard Keynes
ER	Economics and Reality
RE	Reorienting Economics
TP	Treatise on Probability

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. EDIFICANDO A CRÍTICA: A AVERSÃO À GENERALIZAÇÃO ACRÍTICA DO FORMALISMO MATEMÁTICO.....	13
1.1 REFERÊNCIAS ECONÔMICAS E FILOSÓFICAS: KEYNES E ROY BHASKAR	15
1.1.1 KEYNES E O TREATISE ON PROBABILITY.....	15
1.1.2 ROY BHASKAR E O REALISMO TRANSCENDENTAL.....	21
1.2 “ECONOMICS AND REALITY” COMO DEFINIÇÃO DA CRÍTICA LAWSONIANA: O REALISMO CRÍTICO NA ANÁLISE ECONÔMICA.....	24
1.2.1 O MÉTODO RETRODUTIVO COMO METODOLOGIA DO REALISMO CRÍTICO.....	30
2. CONSOLIDANDO A CONCEPÇÃO TEÓRICA E DEBATENDO AS CRÍTICAS.....	35
2.1 “ <i>REORIENTING ECONOMICS</i> ”: A VIRADA ONTOLÓGICA NA ECONOMIA E A NATUREZA DA HETERODOXIA	37
2.2 UM DEBATE SOBRE A NATUREZA HETERODOXA DO INSTITUCIONALISMO ORIGINAL: TONY LAWSON <i>VS</i> GEOFFREY HODGSON.....	43
2.2.1 CAUSAÇÃO DESCENDENTE RECONSTITUTIVA E PROPRIEDADES EMERGENTES.....	47
3. REVISANDO A CRÍTICA: A TEORIA DA ONTOLOGIA SOCIAL.....	54
3.1 AFASTAMENTO DE LAWSON DO REALISMO CRÍTICO?	56
3.2 “ <i>THE NATURE OF SOCIAL REALITY</i> ”: A TEORIA DO POSICIONAMENTO SOCIAL.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE 1 – ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA/CIENTOMÉTRICA: <i>VOSVIEWER</i>.....	72

INTRODUÇÃO

A classificação das teorias econômicas a partir de bases comuns é tema controverso na literatura. Identificar correntes como ortodoxas, *mainstream* ou ainda heterodoxas não é ponto passivo entre os economistas. No entanto, há uma perspectiva disseminada de que a pesquisa heterodoxa em economia se caracterizaria tão somente pela oposição à ortodoxia vigente, ao não aceitar pressupostos como o individualismo metodológico, o cânone de uma racionalidade e utilidade maximizadora e a ênfase em análises de equilíbrio. Além disso, haveria uma diferenciação conceitual entre *mainstream* e ortodoxia, sendo o primeiro um conceito sociológico – entendido como a disseminação de ideias de maior aceitação entre os pares – e o segundo um conceito intelectual, menos eclético que o anterior baseado nos princípios neoclássicos (COLANDER, HOLT, ROSSER, 2004; DEQUECH, 2007). Por outro lado, alguns historiadores econômicos desconsiderariam a teoria heterodoxa como um movimento contínuo e agregado, conforme Frederic Lee (2009, p. 1) expõe: “*most scholars in the history of economics do not believe that heterodox economics has an intellectual history and hence deny that a heterodox economics community existed of which a history can be written*”.

Para Tony Lawson, Professor Emérito de Economia e Filosofia da Universidade Cambridge, ortodoxia e *mainstream* são categorias sinônimas e intercambiáveis. Em oposição a elas haveria uma heterodoxia econômica que se caracteriza não somente pela negação dos princípios ortodoxos, mas por possuir uma natureza comum entendida como uma unidade ontológica, apesar da diferenciação de temas de cada tradição. Tal base filosófica comum à heterodoxia apreenderia a realidade de forma diversa à ortodoxia vigente, principalmente em relação à metodologia aceita. Enquanto ortodoxos reduziriam a análise econômica a modelos matemático-dedutivistas independente do fenômeno em questão, a perspectiva filosófica heterodoxa levaria a uma busca por coadunação entre o objeto social das ciências econômicas e a metodologia utilizada (LAWSON, 1997).

Portanto, a análise heterodoxa em economia não partiria do entendimento de uma metodologia única possível e *a priori*, mas de uma base filosófica comum na compreensão da ciência e da realidade social. O conceito de unidade ontológica heterodoxa foi então sendo forjado ao longo da profícua carreira do autor, que ainda publica hodiernamente. Inicialmente Lawson buscou compatibilizar as tradições heterodoxas com a posição filosófica definida como realismo crítico (LAWSON 1997, 2003), passando por uma modificação de escopo e

uma suspensão do uso do “rótulo” a partir de 2009, em que passou a assumir a terminologia mais geral de uma teoria da ontologia social (LAWSON, 2019).

Todavia, a teoria de Lawson não é facilmente aceita, sendo alvo de diversas polêmicas em relação aos conceitos filosóficos (MÄKI, 1992, 2005; CARTWRIGHT, 2001), mas, principalmente, considerando a forte resistência das próprias correntes heterodoxas em buscar confluências entre si (HODGSON, 2006; HANDS, 2001; FULLBROOK, 2009). Assim, a tarefa de construir um núcleo comum às teorias não pode ser considerada como algo trivial. A construção da defesa da unidade ontológica deve então ser entendida como processual, edificada ao longo de anos pelo pesquisador e a partir do debate das ideias com os pares. É de suma importância compreender as referências iniciais do autor (econômicas e filosóficas), bem como a evolução dos termos e conceitos utilizados. Além disso, faz-se importante entender o teor das críticas dirigidas à obra de Tony Lawson e como o autor tratou dessas na sua obra.

Com base no exposto, o presente trabalho visa a demonstrar a trajetória da defesa de Lawson da unidade ontológica da heterodoxia econômica como fundamento da crítica à ortodoxia, bem como compreender a modificação de nomenclatura da perspectiva filosófica proposta pelo autor ao longo dos mais de quarenta anos de produção. É a partir da análise da obra de Lawson em sua totalidade que se busca contribuir para o abrandamento das interpretações reducionistas da visão ontológica como mera crítica ao uso da metodologia formalista nas ciências econômicas. A obra é extensa, mais de cinquenta artigos, diversos capítulos e livros publicados, dos quais os mais emblemáticos representam a sumarização das ideias de cada período, a saber, *“Economics and Reality”* (1997); *“Reorienting Economics”* (2003) e *“The nature of Social Reality”* (2019).

A análise se dará a partir do entendimento de três fases distintas na produção do autor. Uma fase inicial de busca por referências embasadoras da tese do realismo crítico como visão comum de ciência para a heterodoxia econômica, sintetizada em Lawson (1997). Na sequência, há uma fase de defesa de tal posicionamento, representado por Lawson (2003), a qual se estende até 2009, momento em que se inicia a fase atual. Essa fase pretende defender uma ontologia social para além do denominado realismo crítico, posição que o autor pretende “reestruturar”¹.

¹ Em entrevista concedida à *Erasmus Journal for Philosophy and Economics*, Tony Lawson demonstra um movimento de distanciamento do realismo crítico: “So I am actually very happy to be perceived as a critical realist. It is not at all a misinterpretation. **But it is important to see this project as multifaceted and continuously evolving.** And it is also variously interpreted. You mentioned critical realism in terms of economics, but critical realism has now taken on so many forms in so many disciplines. The emphasis and

Além da leitura de grande parte da obra, o presente trabalho utiliza a análise bibliométrica e cientométrica como subsidiária na ilustração das modificações teóricas nas três fases definidas². Busca-se, complementarmente, analisar a informação expressa pela linguagem na produção de Lawson a partir do software de visualização gráfica da informação *VOSviewer*³. O uso de tais elementos visuais corrobora a estruturação do trabalho, a partir de grafos de cocitação e coocorrência de termos específicos para cada fase.

O trabalho está dividido em três capítulos, além da introdução e considerações finais. O capítulo inicial elenca as referências econômicas e filosóficas utilizadas por Lawson nos seus escritos iniciais, de 1980 a 1997, ano em que publica o livro que expõe o teor da crítica filosófico-metodológica à ortodoxia econômica. O capítulo seguinte se relaciona com a segunda fase da obra do autor, em que houve um intenso debate das ideias apresentadas dentro da heterodoxia econômica. Esse debate é representado pela discussão de Lawson com o economista Geoffrey Hodgson. Tal fase se estendeu de 1998 a 2009, ano em que Lawson passa a não mais utilizar a nomenclatura de realismo crítico para o seu posicionamento. Após 2009, e até as publicações atuais, se estende a terceira fase, trabalhada no capítulo final, que visa demonstrar as modificações na teoria da ontologia social não mais atrelada ao realismo crítico.

presentation vary depending on where you go. So incidentally does its reception. Critical realism in some disciplines, say in human geography, is almost mainstream. It is big too in sociology and critical management studies" (HIRSCH; LAWSON, 2009, p. 103, GRIFO NOSSO).

² Entende-se por bibliometria a análise quantitativa dos dados de texto por si só, já a cientometria envolveria a interpretação de tais dados e a análise de relações em um campo científico: "a bibliometria tem como objetos de estudo os livros ou as revistas científicas, cujas análises se vinculam à gestão de bibliotecas e bases de dados. A cientometria preocupa-se com a dinâmica da ciência, como atividade social, tendo como objetos de análise a produção, a circulação e o consumo da produção científica" (SANTOS, KOBASHI, 2009, p.159). Importante salientar que tal análise métrica necessita de complementação de contextos e conceitos sócio-culturais na interpretação e atribuição de sentido aos dados.

³ As informações referentes ao software e a metodologia utilizada estão contidas no Apêndice 1 desse trabalho.

1. EDIFICANDO A CRÍTICA: A AVERSÃO À GENERALIZAÇÃO ACRÍTICA DO FORMALISMO MATEMÁTICO

A construção de uma concepção de unidade ontológica na heterodoxia econômica passa, inicialmente, pela assimilação das críticas econômicas e filosóficas já colocadas na literatura em oposição à tradição ortodoxa dominante⁴. Tal período formativo da crítica de Tony Lawson à generalização do formalismo matemático como metodologia única nas ciências econômicas data das décadas de 1980 e 1990, e representa o estranhamento metodológico que o autor, matemático de formação, encontrou na análise econômica. Assim, ao se deparar com a modelagem matemática como metodologia primordial no estudo de uma ciência social, Lawson passa a buscar ideias econômicas e filosóficas que fornecessem embasamento à sua crítica ao formalismo. O autor encontrou nos escritos de Keynes a base de sua crítica à ortodoxia, principalmente na noção de probabilidade lógica e incerteza tratada no *Treatise on Probability*, 1921 [1973] (TP). A análise de Keynes serve então como base da crítica à modelagem matemática e econométrica, conforme também exposta no debate Keynes vs Tinbergen na década de 1930 (CWJMK, XIV, 2013). Tais elementos lógicos e filosóficos da obra de Keynes, juntamente com a noção de conhecimento e incerteza serão importantes na definição da tese de Lawson exposta em *Economics and Reality* (ER) (LAWSON, 1997).

É também na filosofia da ciência que Lawson busca alicerçar sua crítica à ortodoxia das décadas de 1980 e 1990, mais precisamente nos escritos de Roy Bhaskar⁵ e no realismo transcendental. Essa abordagem constitui uma contraposição à visão positivista-empírica de ciência baseada em uma estrutura dedutivista (LAWSON, 1997). Juntamente com Bhaskar, a socióloga Margaret Archer⁶ e outros, Lawson participa de um movimento de formação e disseminação de uma posição filosófica denominada de realismo crítico, propondo uma retomada ontológica para a metodologia econômica, buscando a natureza social do ser e a conformidade dos métodos utilizados ao objeto social. A tese proposta em Lawson (1997) preconiza, então, uma modificação no posicionamento filosófico na análise econômica, com o intuito de reinseri-la no âmbito social a que pertence.

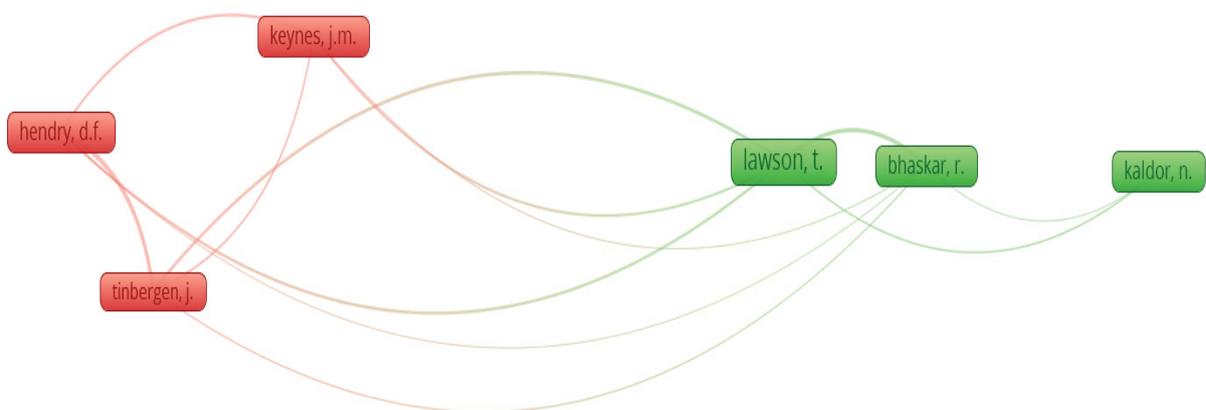
⁴ Lawson não realiza a diferenciação entre os termos ortodoxia e *mainstream* econômico, utilizando por vezes termos como “*orthodox economic*” ou “*modern mainstream*” para o mesmo referencial. Portanto utilizaremos no presente trabalho a nomenclatura de teoria ortodoxa, *mainstream* ou tradição dominante na economia como equivalentes.

⁵ Roy Bhaskar (1944-2014) foi o filósofo da ciência britânico que propôs uma perspectiva filosófica diversa ao positivismo lógico, denominada inicialmente de realismo transcendental e posteriormente como realismo crítico.

⁶ Margaret Archer (1943 -) é uma socióloga britânica teoricamente influente na corrente do realismo crítico.

O presente capítulo analisa os trabalhos publicados, entre artigos e capítulos de livros, do que denominamos de fase 1 da produção de Lawson (1980-1997). As relações apresentadas partem da leitura de tais trabalhos e são corroboradas pela análise de cocitação de autores realizada com o software *VOSviewer*. As redes bibliométricas de cocitação construídas com o software permitem a visualização das ligações entre os autores cocitados nos textos, entendida essa como a frequência em que os autores aparecem citados conjuntamente em um documento. Na figura 1, a proximidade indica maior relação temática entre os teóricos e, quanto mais espessa a linha que os une, maior a frequência na cocitação das obras. Além disso, as cores indicam diferentes formas de agrupamento por proximidade. Por exemplo, conforme demonstrado na Figura 1, a proximidade do bloco em vermelho indica a cocitação pela temática da discussão econométrica. Já o bloco em verde indica a proximidade das cocitações na temática filosófico/metodológica, a saber:

Figura 1: Grafo da rede de cocitação de autores da fase 1 dos escritos de Tony Lawson



Fonte: a autora a partir do software *VOSviewer*

A análise de tal mapa corroborou a definição da estrutura deste capítulo. Ao visualizar o *cluster* em vermelho, percebe-se a importância de Keynes como referência econômica do período e a importância da discussão em relação à econometria, a partir da ligação desse autor com a citação de Tinbergen e David Hendry⁷. Já o *cluster* em verde permite definir a referência filosófica primordial do período em Roy Bhaskar e entender que a análise de Kaldor, feita por Lawson, se aproxima do entendimento do realismo transcendental. Isso coloca Kaldor como referência filosófica e não como similar e próximo à discussão proposta

⁷ David Hendry (1944 -) é um econometrista britânico professor na Universidade de Oxford.

por Keynes-Tinbergen, vide a não conexão (linhas) de Kaldor com o *cluster* em vermelho. Ademais, Lawson utiliza Hendry como um contraponto contemporâneo à época, demonstrando a visão clássica da econometria e pontuando as divergências com a metodologia keynesiana de análise. A espessura das linhas também demonstra a força na relação da citação conjunta, assim, depreendendo a forte ligação entre a autocitação de Lawson com a de Roy Bhaskar e com Keynes. O *cluster* em verde se relaciona fracamente com os nomes apresentados no *cluster* em vermelho e o nome de Tony Lawson aparece como central na conexão dessas referências.

Desse modo, conclui-se que tais autores apareceriam como um “pano de fundo” teórico no período inicial dos escritos de Lawson, sendo entendidos como principais referências econômicas e filosóficas para o embasamento da tese do autor. Assim, as próximas seções apresentarão as influências de Keynes e de Roy Bhaskar na formulação do posicionamento econômico e filosófico entendido inicialmente como realismo crítico, seguido por uma seção de apresentação da proposição da tese de Lawson (1997) em ER e suas principais definições teóricas.

1.1 REFERÊNCIAS ECONÔMICAS E FILOSÓFICAS: KEYNES E ROY BHASKAR

Em seus escritos iniciais, Lawson procura resgatar a visão filosófica e metodológica de Keynes com o intuito de embasar sua crítica a uma modelagem generalizante, conforme disseminada na análise econômica ortodoxa. A proposta de Keynes, no TP, de uma teoria lógica diversa da teoria clássica, bem como as noções de incerteza e as críticas à econometria expostas no conhecido debate com Tinbergen são retomadas por Lawson, a fim de corroborar seus questionamentos em relação à validade dos métodos propalados na análise econômica. Já a perspectiva filosófica de ciência que refutaria a visão ortodoxa é encontrada na obra de Roy Bhaskar. Ambas as referências são de primordial importância na formulação da crítica de Lawson à metodologia ortodoxa na análise econômica.

1.1.1 KEYNES E O TREATISE ON PROBABILITY

A proposta de Keynes no TP é a de enfatizar as relações lógicas entre as proposições de um argumento, ao considerar a probabilidade como uma propriedade da forma como o mundo é pensado, e não como propriedade do mundo em si. A probabilidade trataria então da parte do conhecimento que é obtido indiretamente, se ocupando do que é justificável no

conhecimento e de quão conclusivo ou inconclusivo é o argumento com base nas circunstâncias: “[a]ll propositions are true or false, but the knowledge we have of them depends on our circumstances” (KEYNES, 1921 [1973], p.3). Nesse sentido Keynes diverge de abordagens como a do positivismo lógico, ao considerar a **probabilidade como uma relação lógica dependente das circunstâncias apresentadas, e não como frequência de ocorrência intrínseca à proposição e independente do contexto em que ocorrem**⁸. Para Keynes, há um componente relativo na probabilidade, não sendo essa uma propriedade do mundo, pois dependente das evidências apresentadas. No entanto, tal aspecto relativo da probabilidade não leva a teoria de Keynes a uma epistemologia subjetivista, pois compreende o que é uma crença racional a partir das evidências dadas. As evidências podem mudar, mas a crença anterior formulada com base no que estava disponível não se torna equivocada, sendo que partia de uma análise racional (LAWSON, 1985b). A probabilidade não se relaciona, então, com opinião, mas é fixada objetivamente pela razão, uma vez que os fatos e circunstâncias que determinam o conhecimento são dados (KEYNES, 1921, p.4).

Além disso, as relações de probabilidade se apresentariam conforme três tipos, representando diferentes graus de crenças racionais; 1) probabilidade numericamente indeterminada e não comparável; 2) probabilidade numericamente determinada, valorada no intervalo entre 0 e 1; 3) probabilidade com valor específico 0 ou 1 (LAWSON, 1987). A primeira relação corresponderia à incerteza keynesiana, em que há ausência de conhecimento probabilístico por ser esta imensurável, não havendo base científica para sua determinação. Já a certeza, de ocorrência ou de não ocorrência, corresponderia ao tipo 3, coincidindo com o conhecimento completo, o grau mais alto de crença racional. O conhecimento probabilístico comparável e mensurável corresponderia ao tipo 2. Assim, as relações de probabilidade nem sempre são mensuráveis ou comparáveis, ainda, a relação de probabilidade do tipo 1 não é desconhecida por carência de evidências, mas é de fato inatingida por impossibilidade, conforme demonstra o trecho abaixo:

We might say, for example, that we do not know, when we go on a railway journey, the probability of death in a railway accident, unless we are told the statistics of accidents in former years; or that we do not know our chances in a lottery, unless we are told the number of the tickets. But it must be clear upon reflection that if we use the term in this sense,—which is no doubt a perfectly legitimate sense,—we

⁸ O positivismo lógico foi um movimento que se consolidou com o chamado Círculo de Viena no início do século XX com o intuito de negar a metafísica na ciência (HAHN *et al*, 1986). Caracterizou-se por buscar uma linguagem logicista e unificada para a ciência, baseada tão somente em fenômenos empíricos. Para essa corrente, a probabilidade era vista como uma propriedade do mundo externo e as proposições possuíam frequências de ocorrência contexto-independentes. Assim, haveria uma universalidade na noção de probabilidade como propriedade do mundo, independente das circunstâncias.

ought to say that in the case of some arguments a relation of probability does not exist, and not that it is unknown. For it is not this probability that we have discovered, when the accession of new evidence makes it possible to frame a numerical estimate. (KEYNES, 1921, p.34)

Desse modo, a incerteza keynesiana diverge também da denominada teoria subjetivista, atribuída à Milton Friedman⁹. Para tal teoria a incerteza é um conhecimento probabilístico, e os agentes tendem a atribuir probabilidades a qualquer proposição ou evento, podendo compará-los ao realizar uma análise de risco matemático (LAWSON, 1988, p. 47). Assim, para os adeptos do subjetivismo haveria conhecimento probabilístico mesmo na incerteza, diferentemente da visão de Keynes. Ainda, Keynes considerava a ocorrência de situações em que probabilidades são numericamente determinadas como relativamente incomuns, pois, sendo a probabilidade uma relação lógica relativa às evidências apresentadas elas devem ser mensuráveis apenas quando tais evidências são exaustivas e exclusivas. Explica Lawson: “[for Keynes] a numerical measure of probability can only be obtained when the conclusion relative to the evidence is one of a number of equi-probable, exclusive and exhaustive alternatives” (LAWSON, 1985c, p.88).

É a partir de tal diferenciação entre a teoria da probabilidade de Keynes em oposição à teoria clássica disseminada pelo positivismo lógico e à teoria subjetivista, que Lawson (1981) propõe haver duas possíveis abordagens metodológicas à modelagem na economia. Uma pressuporia a crença na existência de um modelo verdadeiro e universal a ser perseguido, essa seria a abordagem padrão na econometria, correspondendo a uma visão de probabilidade como propriedade do mundo externo a ser encontrada, descoberta (LAWSON, 1988). Outra buscaria um modelo possível consistente com os dados, sendo o objetivo principal a construção de uma ferramenta que auxilie o pensamento em relação aos problemas e questões correntes, abordagem associada à Keynes (LAWSON, 1981, p. 318). A primeira abordagem parte do pressuposto de que a realidade é passível de completa apreensão em uma modelagem formal equacional, o pesquisador cumpriria a função de identificar tal referencial. Diferenciar tais abordagens é importante visto que, para Lawson, a crítica da economia novo clássica ao chamado modelo keynesiano da síntese neoclássica – ou ortodoxia keynesiana do pós-guerra – não apreende tal diferença nas metodologias (LAWSON, 1985)¹⁰. Duas considerações

⁹ Friedman teria sido influenciado pelos matemáticos britânicos Frank Ramsey e Leonard Savage na teoria subjetivista do conhecimento.

¹⁰ Os Novos clássicos surgem na década de 1970, com Robert Lucas entre outros, como uma proposta metodológica divergente à síntese neoclássica. A proposta se deu em relação a um novo ferramental na análise dos problemas macroeconômicos, endereçando novas questões a esses, bem como na ascensão da modelagem matemática como método principal (DE VROEY, 2016, p.151). Já a síntese neoclássica representava a junção da

devem ser expostas: primeiro, a divergência entre uma proposta de Keynes e o chamado modelo da síntese neoclássica como um problema interpretativo da obra de Keynes; segundo, a própria defesa de Lawson de duas abordagens filosóficas distintas na modelagem econômica.

A tradução da teoria de Keynes em um modelo simplificado e matematizado, conforme proposto pela chamada síntese neoclássica geraria as incongruências interpretativas consideradas por Lawson. O modelo da síntese seria uma simplificação incompleta, e as limitações criticadas pelos novos clássicos seriam fruto dessa matematização da visão de Keynes. Lawson (1981) argumenta que a noção de incerteza e probabilidade da teoria de Keynes não está vinculada à modelagem matematizada exposta na síntese. Ou seja, a crítica dos novos clássicos não recairia sobre o pensamento de Keynes, mas sobre a interpretação engessada no modelo proposto, que diverge metodologicamente da obra original. A abordagem original de Keynes seria, então, uma metodologia alternativa à dos Novos Clássicos, e não predecessora como analisada na literatura (LAWSON, 1981, p. 323).

Lawson também considera outro problema interpretativo na literatura: compreender a incerteza keynesiana como destrutiva da análise econômica, ao considerar situações de conhecimento inatingível. Tal leitura geraria duas possíveis atitudes, conforme Lawson (1993, p. 174): “*either the abandoning of much of economic analysis in the name of Keynes (Shackle, 1974) or the abandoning of much of Keynes in the name of economic analysis (Coddington, 1982; Lucas)*”. A incerteza seria o contraponto a uma ideia de informação perfeita dos agentes, porém, para Keynes a incerteza não levaria a um comportamento errático e não impossibilitaria a análise econômica. Haveria uma forma de conduta racional, dadas as circunstâncias, que possibilitariam certo grau de continuidade e estabilidade, as chamadas “convenções”¹¹. Nesse sentido, a visão de Keynes não se limitou a defender uma impossibilidade de modelagem empírica, mas, considerava a abordagem da econometria como uma metodologia inapropriada para lidar com a economia (LAWSON, 1985c).

A metodologia keynesiana seria, então, a contraproposta à modelagem padrão na economia. As duas abordagens seriam distintas filosoficamente, na forma de apreensão da realidade. (LAWSON, 1981; 1983). O denominando método padrão entenderia que há uma verdade dogmática a ser alcançada com a modelagem, enquanto Keynes estaria propondo uma

análise Hicksiana (a partir da obra de Keynes) com princípios monetaristas de preocupação com a oferta monetária e sua influência nas flutuações da renda nominal.

¹¹ A definição de convenção poderia ser entendida como uma crença compartilhada pelos indivíduos, atuando como “reduzora de incertezas ao tornar previsível o comportamento daqueles que se assume compartilhar a mesma crença” (CARVALHO, 2014, p.248).

modelagem como processo em contínua evolução, expondo um dos modelos possíveis consistentes com a teoria proposta e passível de revisão à luz de novas evidências. Lawson (1981) exemplifica a teorização de David Hendry como definidora da modelagem padrão. Hendry e os econométricos contemporâneos à década de 1980 considerariam a realidade como passível de uma correta representação formal e probabilística em uma equação a ser identificada e independente de contexto histórico. Dessa forma, a diferença primordial da abordagem keynesiana seria o ponto de partida do pesquisador, entendendo o modelo como aproximação e, como tal, adaptável aos novos fatos e evidências sem partir de engessamentos e “fechamentos” da realidade. É nesse sentido que Lawson começa a delinear a sua crítica à metodologia que modela a realidade como um sistema fechado.

A questão de fechamento é tratada inicialmente por Lawson (1989b) como a consideração de conjunções constantes de eventos que se mantêm em qualquer conjuntura, havendo ainda duas condições fundamentais a serem consideradas: a condição intrínseca e extrínseca de fechamento. A “condição intrínseca” seria a ponderação de que cada causa gera o mesmo efeito, também chamada de uniformidade da natureza. Já a “condição extrínseca” seria mais forte e pressupõe que cada efeito tem o mesmo conjunto de causas geradoras. O problema da abordagem econométrica padrão seria a adoção de uma posição instrumentalista na solução da condição extrínseca de fechamento, na tentativa de delimitar o conjunto de causas geradoras. Tal instrumentalismo em economia corresponderia à aceitação de teorias fictícias, descoladas da realidade, como ferramentas úteis de previsão. Keynes, em contrapartida, teria adotado uma posição implicitamente realista, discordando de um possível fechamento instrumental da realidade na análise (LAWSON, 1989b). Partir de uma concepção de sistema fechado na análise econômica é parte primordial da crítica de Lawson à tradição ortodoxa, esse ponto será retomado mais adiante ao analisar a obra “*Economics and Reality*” (1997).

Portanto, a gênese da crítica a uma concepção de “fechamento” da realidade está na análise da contraposição de Keynes ao atomismo. No TP Keynes expõe que tal concepção é comum às ciências naturais, as quais preconizariam uma análise isolada permitindo métodos de inferência específicos, a saber:

The kind of fundamental assumption about the character of material laws, on which scientists appear commonly to act, seems to me to be much less simple than the bare principle of uniformity. They appear to assume something much more like what mathematicians call the principle of the superposition of small effects, or, as I prefer to call it, in this connection, the atomic character of natural law. The system of the material universe must consist, if this kind of assumption is warranted, of bodies

which we may term (without any implication as to their size being conveyed thereby) legal atoms, such that each of them exercises its own separate, independent, and invariable effect, a change of the total state being compounded of a number of separate changes each of which is solely due to a separate portion of the preceding state. (KEYNES, 1921, p. 276-277, GRIFO NOSSO).

Keynes propõe que o uso de modos de inferência como a indução estatística só poderia validar-se na presença de atomismo “*if the universe of phenomena does in fact present those peculiar characteristics of atomism and limited variety*” (KEYNES, 1921, p. 468). O uso de métodos indutivos só seria justificado em relação a tais sistemas finitos, caracterizados por átomos isolados. A universalização de tal modo de inferência na análise econômica não seria, portanto, válida, e é o ponto primordial revisitado por Keynes no debate com Tinbergen na década de 1930, conforme demonstra Lawson (1994b, p. 527) no trecho a seguir:

While his (Keynes's) invective against the then contemporary orthodoxy centers on the neglect of fundamental uncertainty, his ridicule of Tinbergen's efforts to introduce econometrics into economics turns precisely upon ontological considerations—that is, on the inappropriateness of applying, at least in the social realm, methods that in effect presuppose atomism and closure (although this is not always Keynes's language, of course) to a world or environment that is essentially organic/holistic and open”.

O cerne da crítica keynesiana é, portanto, ontológico (em relação à natureza do objeto analisado). Keynes mostrou-se cético em relação à abordagem econométrica de Tinbergen no debate proposto em 1939, no *Economic Journal* (CWJMK, XIV, 2013). O valor da econometria como ferramenta eficaz na análise socioeconômica é questionado no debate, além do estranhamento em relação à ausência de justificação da lógica utilizada por Tinbergen (LAWSON, 1985c). Ainda, a oposição ao método de correlação mútua, defendido por Tinbergen, se deu em relação à aparente falta de uniformidade e homogeneidade ao longo do tempo no contexto econômico. A crítica de Keynes à econometria pode então ser entendida como uma orientação ao realismo como posicionamento filosófico, em oposição ao instrumentalismo preditivo, focando em entidades reais e em seus modos de agir, e não aceitando artificialidades como ferramenta de análise (LAWSON, 1989b). Nesse sentido a problemática da abordagem econométrica de Tinbergen estaria na aplicação de métodos indutivos de inferência estatística de modo ilegítimo, negligenciando as circunstâncias em algumas situações, conforme já defendido por Keynes no TP: “*To apply these methods (mathematical ones) to material, unanalysed in respect of the circumstances of its origin, and without reference to our general body of knowledge (...) can only lead to error and to delusion*”. (KEYNES, 1921, p. 419).

Isto posto, o retorno de Lawson à obra de Keynes visou ao entendimento de uma abordagem diversa ao uso universal da econometria e da modelagem matemática nas ciências econômicas, buscando uma aproximação não dogmática e pluralista a partir dos conceitos metodológicos e epistemológicos apresentados no TP. A noção de incerteza keynesiana – contrária à ideia de indivíduos dotados de informação perfeita – e o teor do conhecimento probabilístico apresentado por Keynes é parte do entendimento necessário a uma posição filosófica realista (LAWSON, 1987). Considerar a incerteza como atributo central da vida econômica oferece o contraponto a uma ênfase em previsões a partir de um ideal de perfeição informativa, conforme proposta pela ortodoxia. Lawson defende, assim, a busca por uma perspectiva realista na análise econômica (LAWSON, 1994a).

1.1.2 ROY BHASKAR E O REALISMO TRANSCENDENTAL

Ao defender uma abordagem pluralista Lawson aproxima-se, portanto, do realismo filosófico. Uma posição filosófica realista é a que considera a existência dos objetos de estudo independentemente de um observador. Ou seja, o mundo objetivo independe da consciência. O realismo defendido é o atrelado à ontologia, à natureza social dos objetos analisados com o intuito de adequar a metodologia de análise econômica (LAWSON, 1987; 1997). Tal posicionamento se opõe ao chamado reducionismo metodológico da ortodoxia econômica, que adaptaria o entendimento da realidade a um único método. Faz-se necessária a adoção de métodos condizentes com o objeto de estudo de uma ciência social (LAWSON, 1994a; 1997). Ainda, considerar um posicionamento realista em economia se contrapõe ao instrumentalismo teórico, em que importa a capacidade preditiva das teorias, possibilitando ficções como instrumentos de previsão (LAWSON, 1989b, p. 238). Um programa de pesquisa instrumentalista pressuporia duas fases de análise: (1) a identificação de um fenômeno empírico e (2) a construção de um modelo explicativo. Parte-se do pressuposto de que a função do pesquisador é descobrir as regularidades empíricas que são existentes por pressuposição ontológica. Em contraponto, para uma pesquisa realista, tais fases não são suficientes, pressupondo a necessidade de outra fase: (3) sujeitar as entidades postuladas no modelo a contínuo escrutínio (LAWSON, 1989b). Tal divergência de análise é própria de visões opostas da ciência.

Entender a realidade como constituída de experiências de eventos atomizados, conforme já criticado por Keynes, seria próprio de uma visão positivista de ciência. Lawson

(1997) considera isso herança de um positivismo humeano na redução do conhecimento a impressões empíricas¹². Tal noção positivista, denominada também de positivismo lógico ou empírico, considera que o conhecimento somente é obtido empiricamente, considerando as regularidades advindas da experiência, nas palavras de Lawson (1997, p.67): “*we have seen that those such as Hume who maintain that all we can have are experiences or impressions presuppose a (knowable) world of atomistic events given in experience*”. Nesse sentido, a realidade é exaurida por eventos atomistas e suas conjunções constantes. A ortodoxia econômica é entendida como manifestação dessa visão de ciência bem como de uma concepção de leis dedutivistas.

O dedutivismo é tomado por Lawson (1997) como o modo de explanação fundamental da ortodoxia econômica, entendido como uma interpretação de leis dependentes de conjunções constantes de eventos ou estados de coisas. Tais regularidades empíricas seriam expressas na forma de enunciados axiomáticos do tipo “sempre que ocorra o evento ‘x’, então ocorre ‘y’”. Para Lawson (1997, p. 36): “*This formulation should be interpreted quite generally. Thus, ‘event x’ can be a composite of many events, for example, and the suggested relationship between events can be probabilistic (so that ‘y’ can be interpreted as the average or limit of a series) or deterministic*”. Assim, o resultado de um evento é dedutível de uma lei dada *a priori*. Tal metodologia utilizada nas ciências econômicas estaria, assim, permeada por um determinismo positivista a partir de uma visão axiomática-dedutiva da ciência.

Os problemas na análise econômica decorreriam de tal adoção acrítica de uma concepção de ciência natural como necessária e suficiente para uma ciência social. A análise se daria considerando um conjunto de condições individuais e aplicando leis científicas que pressupõem conjunções constantes de fechamento, além de regularidades ubíquas, com o intuito de prever e explicar os fenômenos sociais, como afirma Lawson (1997, p. 108): “*according to deductivism, as I am using the term, to be able to explain an actual event or state of affairs is to deduce a statement of it from a set of initial or boundary conditions plus universal ‘laws’*”. Entender indivíduos atomizados e desconsiderar uma análise relacional decorreria também do legado positivista.

Desse modo, a visão filosófica de Lawson em relação à economia ortodoxa da década de 1990 estaria baseada em três premissas: (1) ontologia fundamentada na universalidade de regularidades de eventos, (2) teoria social baseada na passividade de agentes atomizados e, (3) relutância à discussão metodológica – dado que o dedutivismo é aceito acriticamente

¹² David Hume (1711 - 1776) foi um filósofo britânico formador da corrente empírica na filosofia, juntamente com John Locke e George Berkeley.

(LAWSON, 1994b). A contraposição a tal concepção científica pressupõe, portanto, a demonstração de uma visão oposta à disseminada na análise econômica. Lawson encontra na filosofia da ciência, mais precisamente no realismo transcendental de Roy Bhaskar, a conceitualização necessária à sua metodologia.

Roy Bhaskar (2008 [1975]) propõe uma oposição à visão positivista humeana a partir de uma análise ontológica da realidade, buscando superar a denominada “falácia epistemológica”¹³. Ao estabelecer o realismo transcendental como concepção alternativa de ciência, Bhaskar se opõe a um entendimento de leis científicas como ubiquidades. Assim, contrariamente ao positivismo humeano, o realismo transcendental considera que leis científicas não são regularidades observadas no nível empírico, mas manifestam-se como tendências e poderes advindos de um nível que transcende a experiência, sendo função do investigador buscar explicações além dos eventos empíricos, a saber:

It [transcendental realism] regards the objects of knowledge as the structures and mechanisms that generate phenomena; and the knowledge as produced in the social activity of science. These objects are neither phenomena (empiricism) nor human constructs imposed upon the phenomena (idealism), but real structures which endure and operate independently of our knowledge, our experience and the conditions which allow us access to them. Against empiricism, the objects of knowledge are structures, not events; against idealism, they are intransitive (in the sense defined). On this conception, a constant conjunction of events is no more a necessary than it is a sufficient condition for the assumption of the operation of a causal law. According to this view, both knowledge and the world are structured, both are differentiated and changing; the latter exists independently of the former (though not of our knowledge of this fact); and experiences and the things and causal laws to which it affords us access are normally out of phase with one another. (BHASKAR, 2008 [1975], p. 15)

Para a concepção filosófica do realismo transcendental, a realidade é estruturada a partir de três domínios distintos, não sincronizados e irreduzíveis entre si. O “nível empírico” seria onde ocorrem os eventos observáveis, o “efetivo” ou “atual” onde os eventos existem independentemente da observação, e o “nível real” ou “profundo” onde ocorrem os mecanismos e tendências geradoras das relações empíricas. A diferença primordial com a concepção positivista estaria na consideração desse terceiro domínio da realidade, que transcenderia os aspectos observáveis dos dois outros níveis. Tal consideração parte do pressuposto de que há mecanismos causais geradores dos eventos empíricos que não são atingíveis pelas impressões e pela experiência, opondo-se assim ao reducionismo empírico

¹³ A falácia epistemológica consiste em entender as proposições sobre o ser reduzidas a proposições sobre o conhecimento do ser: “*the supposition that statements about being can always be rephrased as statements about knowledge (of being), that ontology can be reduced to epistemology* (LAWSON, 1997, p. 81). Para Lawson a visão positivista de ciência acabaria reduzindo a ontologia (natureza das coisas) à epistemologia (teoria do conhecimento) ao entender a experiência como definidora do mundo.

próprio da concepção positivista. O aspecto de universalidade buscado pela ciência corresponderia a tais mecanismos geradores derivados do nível real, e não das regularidades empíricas no nível efetivo (ARCHER *et al.*, 1998).

Assim, o projeto proposto pelo realismo transcendental busca as estruturas e mecanismos advindos do nível real, entendendo a ciência como um processo social, falível e transitório, pois novos mecanismos podem ser explicitados em diferentes fenômenos. Os mecanismos e tendências seriam ainda transfactuais, ou seja, diferentes estruturas podem disparar ou impedir certos eventos/fenômenos. Sendo a realidade aberta, os diversos mecanismos e poderes advindos do nível não observável profundo atuam a partir de determinados “gatilhos” situacionais, podendo atuar efetivamente no evento ou apenas em potência (LAWSON, 1997). Os objetos da ciência, assim como a realidade, seriam estruturados – irredutíveis aos eventos – e intransitivos, ou seja, existem independentemente de observação (LAWSON, 1997, p. 47).

Em suma, para definir a sua posição crítica em relação à metodologia ortodoxa nas ciências econômicas Lawson busca conceituações opostas à visão do positivismo empírico na ciência. Em Keynes, ele encontra a noção de incerteza e a teoria da probabilidade que embasam a oposição ao atomismo e ao instrumentalismo na análise econômica. Em Bhaskar, Lawson delimita a visão antagônica ao projeto positivista empirista, forjando assim as bases necessárias para a defesa da ontologia do realismo crítico nas ciências econômicas, conforme será analisado na seção seguinte.

1.2 “*ECONOMICS AND REALITY*” COMO DEFINIÇÃO DA CRÍTICA LAWSONIANA: O REALISMO CRÍTICO NA ANÁLISE ECONÔMICA

O ponto de partida de Lawson (1997) na crítica à ortodoxia econômica é a percepção de uma necessária visão científica oposta ao dedutivismo positivista disseminado nas ciências econômicas. A partir de uma análise filosófico-metodológica há uma constatação, por parte de Lawson, de três inconsistências primordiais na teoria ortodoxa que seriam dirimidas com a visão científica do realismo transcendental – sob a designação de realismo crítico nas ciências sociais – a saber: (1) inconsistências no nível do método, (2) no nível da teoria social e, (3) no nível da metodologia. Tais inconsistências explicariam o “estado de desordem e as limitações inerentes à ortodoxia econômica” (LAWSON, 1997, p. 295). A aceitação acrítica de uma análise positivista/dedutivista levaria a ortodoxia a uma negligência ontológica do caráter

social e dinâmico da realidade. Lawson (1997) propõe-se então a demonstrar como uma inquietação ontológica e metodológica levaria a um melhor relacionamento das ciências econômicas com a realidade.

A primeira inconsistência, em relação ao **método**, trata do descolamento entre a teoria e a prática ao se aplicar modos de inferência diversos da perspectiva teórica defendida. Tal inconsistência é geradora de críticas, inclusive por parte da ortodoxia econométrica, como diz David Hendry: “(...) *there are peculiar gaps between theory and what people actually do: I think the sinners and preachers analogy in Leamer [1978] is the correct one here. The theoretical econometrician says one thing but as a practitioner does something different*” (citado em LAWSON, 1997, p.303). Um exemplo emblemático é a crítica de Lucas, que considerou que teoria e prática econométrica estariam dissonantes e levam a falhas preditivas (LAWSON, 1995a). No geral, tais críticas não levam a uma modificação metodológica, mas, a uma adaptação teórica visando manter a acurácia preditiva buscada.

Ainda que a primeira inconsistência seja também percebida pela ortodoxia, os problemas de confluência entre método, teoria e objeto não são resolvidos, pois não modificam a ontologia pressuposta e a determinação *a priori* do método dedutivista. O que leva à segunda inconsistência, no nível da **teoria social**. Ao não considerar a capacidade humana transformativa na estrutura social, a visão positivista não é capaz de acomodar a escolha humana de forma genuína, partindo de uma concepção passiva dos agentes. Nas palavras de Lawson (1997, p. 57): “*the positivistic account of science encourages a conception of human beings as merely passive*”. A perspectiva individualista pressupõe a passividade humana frente às regularidades de eventos advindas do nível atual da realidade – onde ocorrem os eventos empíricos. Não há uma análise relacional entre agentes e estrutura social, ou ainda a consideração de mecanismos não observados empiricamente. Lawson, no entanto, compreende que há modificações na consideração do agente pela teoria ortodoxa ao longo dos anos, em uma tentativa de abarcar as escolhas humanas. Porém, tal tentativa, mais uma vez, esbarra em uma visão disputável de ciência e na negligência a uma discussão metodológica. Lawson (1997, p. 107) resume da seguinte forma: “[*s*]uch changes as have been occurring represent merely the latest set of manoeuvres aimed at prolonging the life of an essentially misguided project”.

A negligência à **metodologia** é a terceira inconsistência considerada por Lawson (1997). Há, então, uma impossibilidade da ortodoxia em chegar a questões mais profundas por não transcender ontologicamente a visão científica do positivismo empírico. Assim, a orientação positivista-dedutivista reduziria a ciência econômica ao estudo de um sistema

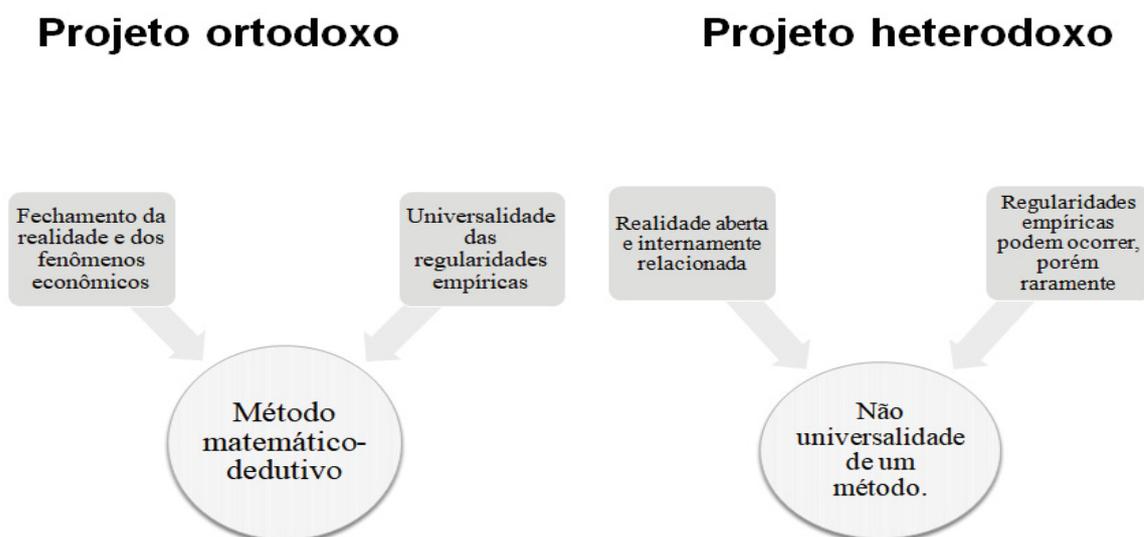
fechado, em que se consideram átomos isolados e não relacionáveis (LAWSON, 1997, p. 169). Essa perspectiva filosófica, tomada acriticamente como visão universal, leva a uma consequente rejeição de qualquer metodologia por parte da ortodoxia econômica (LAWSON, 1994). Havendo um método *a priori* para toda e qualquer análise da realidade não haveria motivos para se discutir metodologias possíveis. A ideia de acriticidade ortodoxa considerada por Lawson passa por esse desencantamento da metodologia, tida como discussão inferior à prática econômica. Dados os pressupostos e axiomas ortodoxos, não haveria assim necessidade de discuti-los, pois estes seriam os únicos possíveis.

É a partir dessas três inconsistências que Lawson (1997) define as principais características do projeto ortodoxo nas ciências econômicas, descrito pelo uso de um método que pressupõe uma ontologia de fechamento da realidade, uma teoria social individualista, com a aceitação de uma racionalidade axiomática e comprometimento com análise de estados de equilíbrio. A análise teórica partiria de axiomas predefinidos e tem por preferência as generalizações e simplicidades. Lawson (1997) aceita que algumas premissas não são defendidas por todos os ortodoxos, no entanto representam uma aceitação geral, pois partem das pressuposições filosóficas do projeto ortodoxo. Esse projeto pretende, portanto, explicar fenômenos sociais da mesma forma que cientistas naturais explicam fenômenos da natureza, buscando formalizações e fechamentos que não são ubíquos na realidade social. Como afirma Lawson (1997, p. 240): *“the continuing failure of the discipline must be put down to the often quite irrelevant, typically formalistic, methods and techniques which economists naively and unthinkingly wield in a forlorn hope of thereby gaining illumination of a social world that they do not ‘fit’”*.

Como então a perspectiva filosófica do realismo crítico lidaria com tais inconsistências e com as falhas do projeto ortodoxo? Lawson propõe a existência de uma visão filosófica comum e não de um conjunto de regras específicas a ser seguido. Nesse sentido, o realismo crítico não se propõe como limitante, mas como ampliação de objetivos, entendendo a ciência econômica como ciência social e definindo um direcionamento para a disciplina. Nas palavras de Lawson (1997, p. 206): *“The insights gained from these last chapters do indicate a need for a basic re-orientation of the discipline, [...] but they cannot be used to contrive a list of detailed instructions which practising scientists have only to act upon”*. A realidade social é tida como insuscetível ao controle experimental, de fechamentos pontuais. Essa é a divergência primordial em relação à concepção de realidade da teoria ortodoxa. Haveria um comprometimento ontológico do projeto ortodoxo com o fechamento da realidade e com a universalidade das regularidades empíricas, o que o levaria a

moldar uma ciência social a partir de um método único, o matemático-dedutivo. Já o comprometimento ontológico do projeto heterodoxo seria com a abertura da realidade, entendendo ainda cada tradição heterodoxa como focada em um domínio específico do real e a partir de uma pluralidade de métodos. O esquema abaixo pretende demonstrar tais divergências:

Figura 2 – Tese Lawsoniana do comprometimento ontológico



Fonte: A autora com base em Lawson (1997).

Para a ortodoxia valer, então, a aplicação de modelos matemático-dedutivos indiscriminadamente para todo e qualquer fenômeno da realidade. O uso do formalismo é entendido como pressuposto de cientificidade da teoria. Enquanto cada tradição heterodoxa se preocuparia com um domínio específico da realidade, partindo de pressuposições ontológicas similares, a ortodoxia partiria de um mesmo método para a análise da realidade como algo indiferenciado (MARTINS, 2021). Não há um entendimento diverso do caráter social, ou ainda da abertura da realidade a partir da transformatividade humana. De fato, é a própria pressuposição ortodoxa de uma ontologia de sistema fechado, em que regularidades de eventos acontecem de forma espontânea e ubíqua, que leva à defesa da utilização generalizada de métodos estatístico-matemáticos, presumindo também a análise atomista de indivíduos otimizadores. Lawson (1997, p. 264) afirma: *“the deductivist framework usually encourages the a priori supposition that all social outcomes are the simple result of straightforward optimising decisions”*.

Portanto, o pressuposto ontológico da heterodoxia econômica de abertura da realidade social passa também pelo entendimento da ação humana transformativa. Entender a agência humana, em oposição ao indivíduo racional, atomizado e acrítico faz parte da ontologia de um sistema aberto. A racionalidade limitante é criticada por Lawson quando imposta *a priori*, conforme o projeto ortodoxo (LAWSON, 1997). O problema, então, está na visão dogmática e determinista de racionalidade, levando a um fechamento das possibilidades de ação. Nas palavras de Lawson (1997, p. 202): “[i]t is imposed a priori to guarantee the dogma that under any given conditions x the same deducible event or outcome y always follows”. No entanto, para Lawson, não se trata de negar a racionalidade humana, pelo contrário, há o entendimento da racionalidade como capacidade de indivíduos inseridos em um contexto de normas e estruturas de poder. Os agentes não poderiam, assim, ser considerados passivos e autônomos na experiência e a preocupação das ciências sociais não pode ser reduzida a uma análise do comportamento dos agentes individualmente.

Sendo assim, o entendimento ortodoxo da realidade como sistema fechado leva à consideração *a priori* de um atomismo e isolacionismo ficcional¹⁴. Partir de uma modelagem teórico-fictícia, que presume a análise de cada componente da realidade como se não sofresse interação, não levaria a uma aproximação dos fenômenos socioeconômicos, pois desconsideraria todas as possibilidades advindas de questões relacionais dos indivíduos com a estrutura. Lawson (1997, p. 146) explica:

[It] makes little sense to attempt to understand their [complex objects] natures by looking at component bits or parts as if existing separately in isolation. Only if the individual factors operate the same way in isolation as they do in combination, and there are no powers of the more complex entity irreducible to those of its parts, i.e. if the various factors are atomistic in their interrelations, does it seem that the method can be expected to be of use.

Existem, então, propriedades da realidade que são irredutíveis aos componentes isolados, sendo necessário o entendimento relacional dos objetos complexos. Não se pode apreender a estrutura enquanto reduzida aos indivíduos ou, ainda, a agência humana reduzida à estrutura. Tais componentes da realidade são distintos de fato, porém interdependentes e não podem ser explicados completamente em termos um do outro (LAWSON, 1997). Compreender a irredutibilidade da estrutura social e da agência é entender a impossibilidade de considerá-los isoladamente. Deste modo, a realidade é vista como complexamente

¹⁴Lawson (1997) propõe uma oposição ao posicionamento de Uskali Mäki (1992), que considera o isolacionismo como relevante na análise econômica: “[I] interpret Mäki’s project here as being primarily descriptive of (mainstream) economists” (LAWSON, 1997, p.149)

estruturada e internamente relacionada. O comprometimento ontológico com a realidade aberta leva à superação da análise atomista, entendendo as relações que vão além dos indivíduos e passam pela posição que esses ocupam na sociedade. Nesse sentido, a compreensão de posicionamento social é o ponto de contato entre a agência humana e estrutura¹⁵, diz Lawson (1997, p. 181):

On this conception the basic building blocks of society are positions, involving, depending upon, or constituted according to, social rules and associated tasks, obligations, and prerogatives, along with the practices they govern, where such positions are both defined in relation to other positions and are immediately occupied by individuals.

Sistemas sociais e coletividades seriam definidos a partir dessas relações internas. Tal concepção relacional reintroduz a possibilidade de conflitos de interesse na sociedade. A visão positivista nas ciências econômicas tiraria o foco das relações de classe, opressões e estruturas de poder e uniformizaria a sociedade e a economia (LAWSON, 1994b, p. 528). Assim, afastar-se do individualismo metodológico nas ciências econômicas condiz com o objeto social e com o entendimento ontológico de que a totalidade analisada não é limitada ao somatório das partes individuais devido à emergência de propriedades novas, superando assim a chamada “falácia da composição”¹⁶. Tanto a estrutura social como a agência humana possuem individualidades e poderes específicos aos seus níveis da realidade. Apesar dessa individualidade, a estrutura social emerge da intencionalidade e organização humana, mas também como pré-condição da agência humana, facilitadora dos poderes e capacidades dos agentes. Conforme explica Lawson (1997, p. 192): “[j]ust as social structure cannot be understood independently of considerations of human powers, the natural order in which both the social and the psychological are embedded (...) must be recognised as a condition for social action and thus as an object of social analysis”. Desse modo, o fenômeno da emergência é tido como característica significativa da visão ontológica de abertura do realismo crítico em oposição ao determinismo positivista (BHASKAR, 2008 [1975]).

Uma entidade é emergente quando surge de outro nível de estrato da realidade, condicionada a esse, porém não previsível. Evocando a divisão em três estratos distintos e intransitivos, conforme o realismo transcendental expôs, entende-se a realidade a partir do domínio empírico, atual/efetivo e real ou profundo. Em geral, o mecanismo pelo qual a entidade emergiu pode ser explicado e reconstruído a partir do estrato inferior. Lawson (1997,

¹⁵ A teoria do posicionamento social de Lawson será trabalhada no último capítulo desse trabalho.

¹⁶ A falácia da composição consiste na argumentação em que a caracterização do todo é tomada pelas características individuais das partes.

p. 82) diz: “*Emergence may be defined as a relationship between two features or aspects such that one arises out of the other and yet, while perhaps being capable of reacting back on it, remains causally and taxonomically irreducible to it*”. O objetivo científico perpassaria, portanto, pelo entendimento dos mecanismos causais que emergem do estrato do nível real ao estrato atual (dos eventos em si), sendo a emergência entendida como potencial de transformação.

Contrariamente, focar apenas no nível empírico (mundo das percepções) e atual levaria a uma limitação das possibilidades explicativas dos fenômenos, reduzindo a existência dos objetos em análise à apreensão antropocêntrica desses e recaindo na falácia epistêmica de reduzir o objeto de conhecimento ao conhecimento do objeto. Nesse sentido, há um vínculo do realismo ontológico defendido com um relativismo epistemológico. Para o realismo ontológico, os objetos analisados existem e agem independentemente do conhecimento que se obtém desses. Já para o relativismo epistemológico não há um aspecto absolutista do conhecimento obtido dos objetos (LAWSON, 1997, p. 254). Assim, a apreensão epistêmica dos entes só se dá a partir de aspectos históricos e sociais contextualmente definidos e transitórios, fato que caracteriza o relativismo epistemológico defendido, a saber: “*if the (intransitive) objects of knowledge exist (largely) independently of our knowledge of them, such knowledge as we actually possess cannot be identified, or be said to be in correspondence, with such objects; it is not reducible or equivalent to them.*” (LAWSON, 1997, p. 77)

Considerando os diversos elementos apresentados, como então se daria a possível explicação científica a partir da perspectiva de realidade aberta do realismo crítico e da não imposição de uma universalidade do formalismo matemático nas ciências econômicas? Como entender a questão ontológica como diversa das questões epistemológicas e propor uma metodologia construtiva além do imperativo dedutivo-matemático? O esforço de Lawson (1997) passa então a ser em relação à consideração do método retrodutivo como oposição ao dedutivismo ortodoxo.

1.2.1 O MÉTODO RETRODUTIVO COMO METODOLOGIA DO REALISMO CRÍTICO

Em seus escritos iniciais, Lawson (1989a) tentou construir pontes entre a sua perspectiva filosófica realista e a heterodoxia econômica de Kaldor. De fato, Lawson propôs

que a falta de clareza analítica de alguns termos e da metodologia adotada por Kaldor poderia ser redimida através da abordagem realista, que acomodaria uma interpretação coerente de fatos estilizados como **tendências** transfactuais, a saber:

The question yet to be addressed is how analysis proceeds on this realist account, and one issue to be considered specifically here is how Kaldor's notion of stylised facts fits in? For Kaldor the latter concept seems sometimes to be differentiated from, but sometimes conflated with, the notion of a tendency. However, he does usually treat a stylised fact as an empirical claim and with the idea of a tendency now conceptualised as a non-empirical feature of causal structures the notion of a stylised fact has been 'freed-up' to be consistently applied or interpreted as (a conception that is grounded by) some empirical counterpart. So far it has been argued that, on the realist view, tendencies may be regarded as powers or liabilities of a thing or structure which, because numerous countervailing mechanisms may be operative at the same moment and place, may be exercised without being manifest in the actual economic outcomes. (LAWSON, 1989a, p. 65)

Em Lawson (1997), a concepção de tendências duradouras se mostra importante na rejeição da compreensão ortodoxa de leis necessárias. A partir do entendimento de mecanismos causais e estruturas geradoras, que advém de um domínio da realidade diverso do empírico, surge a compreensão de que nem todos os mecanismos estão manifestos em um fluxo de eventos. Esses mecanismos podem existir como potências não realizadas. Assim, existem tendências como poderes a serem exercidos que não se manifestam no estado atual e, portanto, não são detectadas empiricamente, caracterizando seu aspecto transfactual. Como Lawson (1997, p. 42) coloca:

*It should be clear, then, that the way in which I am employing the term tendency differs from many of its interpretations in the economics literature (see Pratten, 1994). A statement of a tendency, according to its primary usage here, is not about long-run, 'normal', usual, or average outcomes at the level of events. Nor is it reducible to a counterfactual claim about events or states of affairs that would occur if the world were different. Indeed, it is not a claim about anything at the level of the actual course of events at all. Rather it is a **transfactual statement about the typically non-empirical activity of a structured thing or agent.***

A explicação científica buscaria, então, identificar as tendências além do fenômeno empírico observado, mas não a totalidade das condições causais envolvidas, não sendo possível a explicação de todas as condições causais de um fenômeno social (LAWSON, 1997, p. 221). O evento ocorrido no domínio atual demonstraria apenas uma regularidade parcial possível frente às tendências não concretizadas. A oposição à concepção de leis e regularidades de eventos universais a partir da experiência é então consolidada sem, no entanto, impossibilitar a análise científica. Os mecanismos causais potencialmente identificáveis mostram-se ao pesquisador no formato de semirregularidades ou *demi-regs*,

caracterizando a maior visibilidade de alguns mecanismos causais em momentos disruptivos (LAWSON, 1997, p. 224). Seguindo a análise proposta por Kaldor, as *demi-regs* seriam equiparadas aos fatos estilizados observados na realidade. Ao pesquisador caberia o reconhecimento das ocorrências dessas regularidades parciais, instáveis e não ubíquas, de eventos e a subsequente análise partindo da abstração, em oposição ao isolacionismo dos sistemas fechados.

Lawson (1997) considera a abstração como vital para qualquer processo cognitivo. Nesse sentido, é um método indispensável da ciência e não limitado à modelagem ortodoxa. Em oposição ao isolacionismo, como a exclusão de algum aspecto real, o processo de abstrair consistiria em individualizar algum aspecto do real e posteriormente reconstituí-lo à totalidade do concreto na análise, conforme Lawson (1997, p. 242): *“focusing upon certain aspects of something to the (momentary) neglect of others. It is a process of focusing on some feature(s) of some thing(s) while others remain in the background”*. A abstração de alguns mecanismos geradores do evento no início da análise do fenômeno a ser explicado é, então, consistente com a tentativa de explicar as relações internas dos mecanismos que deram origem a ele. Abstrair não é buscar generalizações contexto-independentes, mas buscar identificar a natureza de tais relações. A escolha deve recair no mecanismo causal considerado mais essencial e não mais geral. Novamente, a busca por generalizações por parte da ortodoxia econômica perpassa pelo entendimento da abstração como isolacionismo, condizente com a característica ontológica de fechamento da realidade, e com a aceitação da análise decomposta em entes atomizados. Nas palavras de Lawson (1997, p. 250): *“[i]n the name of abstraction all features of social reality that prove inconvenient to deductivist modes of reasoning are ultimately assumed away”*.

Portanto, a compreensão de mecanismos causais como tendências transfactuais que ocorrem em ato ou potência em um evento e se demonstram ao pesquisador como semirregularidades leva a uma forma de raciocínio diversa à análise dedutivista, é o **método retrodutivo**. À ontologia do realismo crítico não interessa a dicotomia indução-dedução, o modo de inferência necessário ao entendimento da realidade social deve partir de uma forma de questionamento transcendental, em que não são buscadas generalizações, mas sim a identificação e explicação de um mecanismo causal advindo de outro domínio da realidade que não o atual, a saber: *“The realist aim in employing retroductive arguments is to formulate hypotheses of the sorts of conditions that could have given rise to some phenomenon of experience (...) to infer conditions which, if they had been operative, could have given rise to the observed phenomena in question.”* (LAWSON, 1997, p. 323).

Nesse sentido, há um poder explicativo e não preditivo na argumentação retrodutiva, podendo ainda a explicação se mostrar falha posteriormente. Há uma dependência contextual da explicação e o argumento deve passar pelo crivo do domínio empírico depois de construído. Lawson não nega, portanto, a empiria. O que diferencia o método retrodutivo é, principalmente, o ponto de partida do pesquisador que, ao identificar o fenômeno empírico como uma *demi-reg* contrastiva na realidade, busca os mecanismos causais transcendentais ao domínio atual, mas retorna ao empírico para sujeitar as entidades postuladas pela análise à escrutínio. Lawson (1997, p. 227) diz: “*Not much can be said about this process of retroduction independent of context other than it is likely to operate under a logic of analogy or metaphor and to draw heavily on the investigator’s perspective, beliefs and experience*”.

Assim, compreender os mecanismos subjacentes à realidade que se apresenta às percepções, bem como a diferença entre o entendimento que temos dos objetos sociais e os objetos em si levaria, então, a uma possibilidade de transformação estrutural através do compromisso ontológico do realismo crítico. Lawson (1997) vai ainda além, propondo a possível emancipação humana a partir de tal entendimento, possibilitando a modificação de práticas que definem as estruturas e a identificação das causas sociais e os mecanismos subjacentes às desigualdades impostas, conforme trecho abaixo:

It is this scenario, this objective of changing features or aspects of society through transforming the conceptions on which they depend, that, in part at least, underpins all radical contributions. It is the basis, for example, of Marxian analyses of capitalism, of environmentalist analyses of environmental destruction or degradation, or of feminist analyses of gender relations and hierarchies. (LAWSON, 1997, p.291).

Conclui-se, então, que Lawson (1997) não propõe uma teoria que busca tão somente melhorias no sistema, mas uma profunda reorganização na forma de pensar a ciência econômica. Se o ponto de partida do realismo crítico está em Keynes e Roy Bhaskar, o objetivo está em demonstrar uma nova possibilidade metodológica para a análise econômica, compreendendo que a essência da tradição teórica dominante reside na imposição da metodologia matemático-dedutiva. Há uma busca em se superar a mera previsão por um poder explicativo dos mecanismos causais e tendências que levam a sociedade ao estado em que se encontra. Lawson (1997, p. 302) explica: “*critical realism provides a perspective on science, nature, society and economy that is not only explanatorily powerful but also able to preserve the intuition that human social history is explicable and yet actively made*”. O realismo crítico como ontologia social é, então, contrastante com a imposição generalizada de

um método único para toda e qualquer situação no entendimento da realidade social, mas não se limita a negar o formalismo matemático. Lawson (2003, p. XIX e XXI) pretende dirimir esse entendimento apressado das suas proposições:

It is not, and has never been, my intention to oppose the use of formalistic methods in themselves (...) formalism can be fitted in where it is found to be appropriate, or retained as part of the variety on offer. The last thing I wish to do is support any efforts to prohibit forms of activity, or limit the range of methodological options. (...) Mathematical proofs can be elegant, and the use of mathematics does tend to impose a high degree of clarity and rigour. However, while mathematical procedures are not unique in this respect, where the goal is to increase social understanding, the meeting of these pragmatic criteria clearly ought not to be regarded as sufficient.

Após a publicação de Lawson (1997), o autor passa, então, a debater as ideias apresentadas na tentativa de esclarecer seu posicionamento de que há uma lacuna entre a realidade social (entendida como aberta, estruturada, dinâmica e internamente relacionada), e a metodologia de análise econômica dominante que pressupõe o fechamento da realidade, dando início à chamada segunda fase dos seus escritos, que será tratada no capítulo seguinte.

2. CONSOLIDANDO A CONCEPÇÃO TEÓRICA E DEBATENDO AS CRÍTICAS

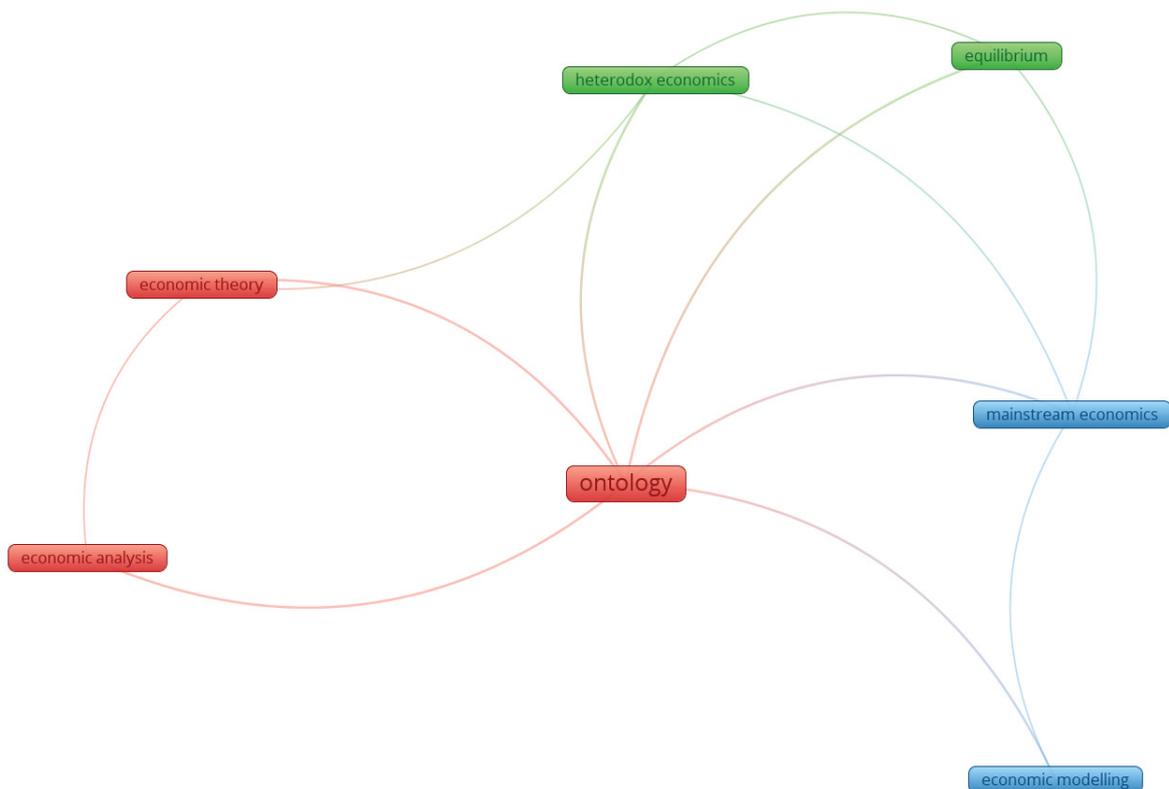
A segunda fase da obra de Lawson corresponde aos escritos do período de 1998 a 2009 que enfatizam o lado construtivo da perspectiva filosófica do realismo crítico. Em 2003 o autor publica alguns ensaios estruturados sob o título “*Reorienting Economics*”. Os capítulos iniciais da obra são dedicados a tornar mais claras e acessíveis as ideias propostas anteriormente em 1997 no “*Economics and Reality*”. Há, então, um caráter de retomada de alguns pontos importantes da contribuição metodológica às ciências econômicas em um formato menos abstrato. A elevação da questão ontológica como ponto principal segue sendo o fator que diferencia a abordagem de Lawson, levando a uma busca por uma orientação mais pluralista para a disciplina, conforme Lawson (2003, p. 27): “[t]he goal, as I say is a pluralistic forum where explicitly prosecuted ontology and critical reflection can take their place amongst all the conceivable components of economics as social theorising”. Nesse sentido o realismo crítico não pré-determina posições substantivas, mas se apresenta como uma abordagem tida como produto do seu tempo e espaço e que permite revelar erros e perigos metodológicos na análise ao direcionar a prática científica (LAWSON, 2003, p. 62).

O objetivo principal de Lawson (2003) é demonstrar como se daria o método explicativo nas ciências sociais a partir da busca ontológica. Não havendo regularidades ubíquas de eventos, devido à abertura da realidade social, o pesquisador deve focar nas *demi-regs* contrastivas apresentadas localmente e nos possíveis mecanismos causais que levam a tal ocorrência, como por exemplo: “*Why has productivity growth in the UK over the last hundred years or so often fallen below that of other industrialised countries? Why have house prices in the UK recently been rising faster in the southeast than in the North?*” (LAWSON, 2003, p.85). Não havendo a possibilidade de fechamentos experimentais a opção disponível ao pesquisador é o entendimento das tendências que levam a um evento não esperado no contexto histórico e geográfico analisado. Assim, a ontologia importa como a forma de entender a natureza do fenômeno social em si, no sentido de definir o que está sendo discutido e direcionar a pesquisa nesse âmbito, a saber:

My primary purpose with this book is to argue that there is much to be gained from an ontological turn in social theorising, that there are significant advantages to making a concern with ontology more explicit and systematic than is the custom. A secondary goal, closely bound up with the first (...) is to argue for a particular ontological conception. It is through demonstrating the sustainability as well as usefulness of this particular conception, one sometimes systematised as critical realism, that I seek simultaneously to achieve my primary goal (LAWSON, 2003, p. 28).

Tal centralidade da ontologia na defesa da tese lawsoniana nessa segunda fase de escritos é corroborada pela visualização da coocorrência de palavras chave com o mínimo de 2 coocorrências nos 38 documentos analisados. Na figura todos os termos dos três *clusters* apresentados se relacionam com o termo “*ontology*”. O *cluster* em verde representa termos referentes à heterodoxia econômica e a provável negação das análises de equilíbrio, justificando a ligação de termos como “*heterodox economics*” com “*equilibrium*”. Já o *cluster* azul parece representar a ligação do *mainstream* econômico com a modelagem formal. Completando a análise estariam os termos mais gerais do *cluster* em vermelho como análise econômica e teoria econômica, todos fortemente relacionados à “*ontology*”, conforme demonstrado a seguir:

Figura 3: Grafo de coocorrência de termos da fase 2 dos escritos de Tony Lawson



Fonte: a autora a partir do software *VOSviewer*

Portanto, a construção desse capítulo foca na concepção ontológica como forma de superar os problemas na análise econômica da tradição dominante e entender como a realidade deve ser considerada pela heterodoxia econômica. Além disso, busca-se entender a

natureza da realidade social como o domínio que depende da agência humana, mas também a condiciona, manifestando o aspecto intrinsecamente relacional. Nesse sentido, seguindo a análise de Fullbrook (2009), o ponto de referência fundamental para Lawson é a natureza do objeto analisado, a ontologia “(...). notably, when Lawson first uses “ontology” he feels it necessary (...) to explain what the word means (...) Thirteen years later and anyone in economics who knows anything about methodology knows what “ontology” means” (FULLBROOK, 2009, p. 01 - 02). A virada ontológica trazida por Lawson para a análise das ciências econômicas será tratada a seguir.

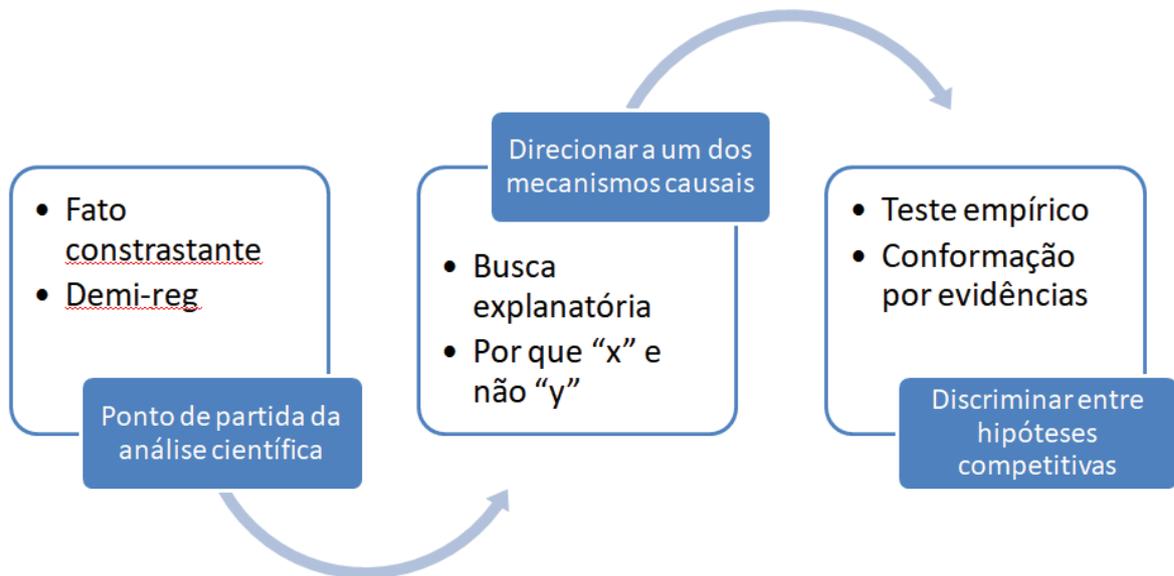
2.1 “REORIENTING ECONOMICS”: A VIRADA ONTOLÓGICA NA ECONOMIA E A NATUREZA DA HETERODOXIA

Lawson (2003) demonstra a possibilidade de análise científica nas ciências sociais a partir de um método explicativo que considere a abertura da realidade, buscando reorientar a abordagem nas ciências econômicas a uma explicação por contraste (LAWSON, 2003, p. 109). A questão que se coloca é como deveria proceder o pesquisador social em não havendo regularidades de eventos constantes conforme produzidas em fechamentos de experimentos em laboratório. Há, então, uma busca por definir as opções científicas disponíveis em situações não experimentais e que não condicione o fechamento da realidade. Lawson considera haver três passos no processo de conhecimento: (1) a problemática de como iniciar uma análise; (2) como direcioná-la a um mecanismo causal específico advindo de outro domínio da realidade e, ainda, (3) como discriminar tal mecanismo analisado dos concorrentes no mesmo fenômeno. Tais considerações levam ao entendimento do conhecimento como um processo transformativo fundamentalmente dialético e relacional, como indica Lawson (2003, p. 101): “[t]hrough confronting ‘objects’ of study we learn not only about them but simultaneously about ourselves, including, in particular, the errors of our current thinking (as well, no doubt, as something of our social-cultural situations, values, and so forth)”.

Nesse sentido, o ponto de partida da análise depende de um estranhamento do pesquisador com algum aspecto da realidade. O foco deve estar no entendimento das quebras de expectativas e não na busca por continuidade de regularidades universais. O direcionamento a um mecanismo causal específico deve levar em consideração que os eventos empíricos apresentados são estruturados a partir de um domínio da realidade que não é

observável. Ou seja, o segundo passo do pesquisador, em oposição à afirmação dedutiva de que sempre que ocorrer “x”, então ocorrerá “y”, seria se questionar: por que ocorreu “x” e não “y”; qual mecanismo gerador coproduziu um fato contrastante na realidade? Tal modo explicativo é chamado por Lawson (2003) de explicação contrastiva (*contrast explanation*), levando ao terceiro passo da análise científica ao discriminar entre as diversas condições causais no evento que se conformam com a hipótese levantada. O esquema a seguir demonstra o processo cognitivo transformativo descrito:

Figura 4 – Esquema explicativo do processo científico das ciências sociais



Fonte: A autora com base em Lawson (2003)

Percebe-se que a diferença primordial da explicação contrastiva em relação à dedutiva é a retirada do foco preditivo. Prever pressupõe um fechamento que não condiz com a ontologia da realidade (LAWSON, 2003, p. 119). Explicar por fatos contrastantes (*demi-regs*) visa buscar o desapontamento de expectativas. Assim, as *demi-regs* não se prestam a deduzir consequências, nas palavras de Lawson (2003, p. 102): “(...) *unlike deductivism, it [contrast explanation] seeks neither to stylise such demi-regs as are found nor to utilise any such regularities solely for purposes of deducing consequences. Rather, event patterns are but a moment in the causal process which goes beyond them*”. O pesquisador social busca, então, situações em que há uma quebra das expectativas de continuidade, como resultado de um “*backward-looking*” (LAWSON, 2003, p.108). Tal padrão de continuidade e reprodução permeado por mudanças das estruturas sociais é extensamente analisado por Thorstein Veblen

e pelo institucionalismo original desde o final do séc. XIX. Nessa segunda fase, Lawson parece tender mais fortemente à adesão e ao entendimento do conceito de instituições como a expressão de permanência relativa no domínio social na defesa de sua concepção ontológica (LAWSON, 2002; 2003), conforme demonstra o trecho abaixo:

*[I]t appears to be the case that the more concrete and detailed the patterns found the more restricted their space- time location. The more abstract the patterns, the more sedimented or enduring the structures responsible. At least, this is very often so. **Perhaps we have here a handle for research into institutions.** I have previously conceptualised the latter as particular social systems, or structured processes of interaction, that are relatively enduring and identified as such (Lawson 1997a: 317–18). The point here, though, is that transcendental analyses of (rough and ready) patterns of everyday life do reveal something of the way certain social structures can be, and have been, reproduced (through change) over wide swathes of space and (perhaps most interestingly) time. **A degree of continuity in social life is evident at all levels, albeit that some features are more enduring than others** (LAWSON, 2003, p. 43, GRIFO NOSSO).*

Ao buscar no institucionalismo original a conceituação de continuidade e mudança através das instituições o autor inicialmente se impõe a questão do entendimento da assimilação da biologia evolucionária pela análise econômica¹⁷. Trazer concepções e modelos de outra ciência seria relevante na análise social? Neste aspecto, a ontologia mais uma vez mostra-se fulcral, pois, ao considerar a natureza do objeto de estudo geram-se implicações de como esse deve ser estudado (LAWSON, 2003, p. 111). É necessário, então, determinar a relevância da transposição da análise da biologia evolucionária para o contexto social, não correndo o risco de recair em generalizações metodológicas *a priori* como o faz a ortodoxia. Nesse sentido, não haveria uma base legítima para uma economia evolucionária se o termo denota um processo em conformidade com o modelo de seleção natural Darwinista, ou se o termo pretende uma abordagem universal e reducionista para a ciência (LAWSON, 2003). O problema, então, na aproximação com a biologia evolucionária estaria na generalização da metáfora de seleção natural, enquanto não considerada como apenas mais um dos mecanismos atuantes na realidade social. Utilizar o modelo evolucionário na análise social depende então da consideração do contexto, pois, sistemas sociais não são naturalmente reproduzidos, mas dependentes da agência humana, conforme demonstra Lawson (2003, p. 132).

The danger for ‘natural selection’ thinking which draws on insights from biology, then, is of universalising a priori what is but a particular insight, a set of principles, whose relevance in the social realm is found a posteriori to be highly

¹⁷ O capítulo oito de “*Reorienting Economics*” foi originalmente publicado na *Journal of Economic Issues* como “Should economics be an evolutionary science? Veblen’s concern and philosophical legacy” (2002), na tentativa de dialogar com o famoso artigo de Veblen “Why is Economics not an evolutionary science? (1898)”.

dependent on context (...)Possible candidates for social-evolutionary explanations of this sort are (aspects of) some institutions (i.e. of structured processes of interaction that reveal a degree of space-time durability and are recognised as doing so, as well as, or including, certain routines and habits, as well as some seemingly locked-in (additional, including technological) structures that will likely be bound up with the development of institutions and/or habits. I repeat that to insist without investigation or argumentation that such an approach is relevant to promulgate a reductionist a priori methodological injunction, on a par with methodological individualism, or deductivism (GRIFO NOSSO).

Dito isso, como então as questões evolucionárias seriam absorvidas por Veblen e pelo institucionalismo original? Para Lawson a natureza da tese vebleniana é ontológica (ainda que não explicitamente) e não pretende reduzir a análise econômica a questões de seleção natural darwinista (LAWSON, 2003, p. 185). A ontologia da causação e mudança cumulativa não teleológica (VEBLEN, 1898) estaria em consonância com o modelo transformativo da atividade social defendido por Lawson, que entende a realidade social como fluida, onde os aspectos sociais são reproduzidos e transformados através da agência humana. Tanto a estrutura quanto os agentes estão em constante processo transformativo, Lawson (2003, p. 204) diz: *“social structure is conceptualised as neither fixed nor created. Rather, it both pre-exists and conditions action, and through human action in total, is itself reproduced and/or transformed. **Social being is a process of becoming**”*. Assim, o entendimento de Lawson é que a defesa de uma aproximação evolucionária nas ciências econômicas realizada por Veblen (1898) não tem como pressuposto a limitação a modelos de seleção natural, mas parte do entendimento do caráter processual da realidade social.

Lawson (2003) propõe, portanto, que há uma defesa implícita nos escritos de Veblen de uma ontologia causalista da realidade, entendida como um processo causal não teleológico em oposição a uma causalidade mecanicista, o que distinguiria a metodologia evolucionária como apropriada às ciências econômicas e às ciências sociais no geral. Haveria um processo gradual de modificação do ponto de vista científico pré- evolucionário a um momento pós-evolucionário nas ciências. Para Veblen (1898, p. 381) as ciências econômicas ainda não estariam no momento pós-evolucionário: *“[e]conomics is not an exception to the rule, but it still shows too many reminiscences of the "natural" and the "normal", of "verities" and "tendencies", of "controlling principles" and "disturbing causes", to be classed as an evolutionary science”*. O entendimento de Lawson (2003, p. 198) é o de que há uma ontologia causalista em Veblen que caracterizaria a utilização do método evolucionário nas ciências, a saber:

If Veblen defends a causalist ontology (albeit only in footnotes) and characterises the evolutionary method as one that is appropriate to it (more so than are the earlier deductive methods of taxonomy, and so on), it is to be expected, as I say, that he would reveal some positive inclination towards the evolutionary approach as scientific method (LAWSON, 2003, p. 198)

Importante mencionar que a interpretação vebleniana proposta por Lawson não é um ponto pacífico na literatura. Entender haver um projeto ontológico e construtivo em Veblen difere da apresentada pela maioria dos institucionalistas originais¹⁸. Lawson (2003) propõe, portanto, que o legado de Veblen seria a proposição de um programa construtivo de natureza essencialmente ontológica para a economia a partir da ênfase na abordagem evolucionária como método superior cognitivamente aos métodos deterministas. A defesa ontológica não estaria explícita em Veblen, e deveria ser entendida como ponto a ser desenvolvido atualmente. Nas palavras de Lawson (2003, p. 214): “[i]nstitutionalists, I acknowledge, have not overly emphasised matters of ontology, and certainly there is a case for rendering the ontological presuppositions of the modern-day institutionalist project more explicit and systematic”.

Portanto, o diagnóstico de Veblen (1898, p. 373) já era o de que a ciência econômica necessitava de uma “reabilitação”. A transição de uma ciência determinista a hábitos de pensamentos evolucionários seria um processo gradual, entendido como uma modificação de ponto de vista do pesquisador. Nesse sentido, para Lawson (2003, p. 216):

I am suggesting, then, that the real modern-day import of Veblen’s focus is that it coherently marks the site of a specific (evolutionary) project within economics, one that can with reason be interpreted as Veblen’s legacy.(...) this project is closely identified with the analysis of economic change and development, and more particularly the study of material processes of cumulative causation couched in terms of institutions, habits and the like, it can be viewed as one in realist social theorising with a specific focus.

A noção vebleniana de ciência evolucionária está relacionada, então, com a ontologia social da causação cumulativa e com a natureza não determinista e não teleológica da realidade (LAWSON, 2003, p. 187). Tal concepção corresponderia à proposta pela ontologia do realismo crítico envolvendo uma concepção transformativa da realidade a partir de uma estrutura social como condição e consequência da ação humana, conforme Lawson (2003, p. 217): “Veblen’s specific vision regarding an evolutionary economics, I have suggested, closely reflects his holding to a different social ontology from that presupposed by the current

¹⁸ Lawson menciona as interpretações de Clarence Ayres (1963) e autores pós modernistas que defendiam um legado vebleniano desconstrutivo como Warren J. Samuels (1990,1998).

mainstream”. Assim, na visão de Lawson, tornar tal posicionamento ontológico mais explícito seria o ponto crucial da tradição institucionalista original na tradição heterodoxa atual.

A defesa lawsoniana de uma análise de correntes econômicas a partir de uma ontologia social não parte apenas do exame do institucionalismo original, mas também de aspectos do pós-keynesianismo, e feminismo econômico (LAWSON, 2003; 2006). O ponto primordial está no entendimento de quais questões devem ser perseguidas pela heterodoxia econômica como oposição à tradição dominante. Nesse sentido Lawson propõe o entendimento de um comprometimento ontológico compartilhado por tais tradições, pressuposições que seriam mais enriquecidas do que a visão ortodoxa ou *mainstream* moderno. A heterodoxia econômica não poderia se basear apenas em uma definição negativa, assim, busca-se por uma perspectiva ontológica explícita como um programa construtivo. No entanto, haveria sim uma característica de rejeição ontológica heterodoxa da dominância universal de métodos matemático-dedutivos (LAWSON, 2003, p. 165).

Como então se daria essa diferença de abordagens do real a partir de uma mesma concepção filosófica da realidade. Lawson pretende que a ontologia social sob a qual se baseia a heterodoxia se dá conforme a proposição da perspectiva filosófica do realismo crítico. O mesmo ponto de partida, a ontologia do realismo crítico, tomaria diferentes rumos a partir de olhares heterogêneos (LAWSON, 2003). A diferença estaria no foco e na direção tomada, o que não impede, no entanto, a chegada a um mesmo destino, apesar das abordagens díspares, conforme trecho abaixo:

(...)if ontology can account for the distinctions between the heterodox traditions and the modern mainstream, i.e. if ontological commitments identify post Keynesians and others as heterodox, it is their particular substantive orientations and concerns, not answers or principles, that distinguish the heterodox traditions from each other.(LAWSON, 2003, p. 181)

Assim, as tradições heterodoxas focam diferentes aspectos da realidade (MARTINS, 2021). Se a pretensão da tese de Lawson está na ênfase da concepção de unidade ontológica, como então as correntes heterodoxas se diferenciam entre si e, ainda, frente à própria perspectiva filosófica do realismo crítico? As características que as diferenciam estarão em um nível de abstração abaixo da ontologia social e acima de explicações concretas de fenômenos específicos. Lawson passa então a pleitear seu posicionamento frente às diversas tradições heterodoxas. O debate com Geoffrey Hodgson nos anos 2000 foca na questão de

uma proposta de delimitação do institucionalismo original frente à ortodoxia e às demais correntes heterodoxas, conforme será exposto na seção a seguir.

2.2 UM DEBATE SOBRE A NATUREZA HETERODOXA DO INSTITUCIONALISMO ORIGINAL: TONY LAWSON VS GEOFFREY HODGSON

A teoria institucionalista original se coloca como representante da heterodoxia econômica ao focar na análise das relações entre indivíduos e instituições, negando assim o individualismo metodológico da ortodoxia e entendendo o comportamento individual como social e culturalmente condicionado (GRUCHY, 1947). Além disso, não há a consideração de um comportamento econômico como universal, mas especificidades no tempo e espaço a partir de uma análise histórica e evolucionária (NEALE, 1987, p. 1180). A corrente parte dos escritos do final do século XIX de Thorstein Veblen, John R. Commons e Wesley C. Mitchell e a análise contemporânea tem Geoffrey Hodgson e Anne Mayhew como representantes significativos da teoria bem como de continuidade de uma tradição evolucionária conforme proposta por Veblen¹⁹.

Geoffrey Hodgson defende uma preocupação corrente de delimitar a teoria institucionalista original não apenas frente à ortodoxia, mas pontuar a sua divergência frente a outras correntes heterodoxas²⁰. Em “*What is the essence of Institutionalism*” (2000), Hodgson apresenta a interpretação da corrente institucionalista original a partir de uma característica comum. Tal defesa é partilhada por Anne Mayhew (2000). Para os autores haveria uma característica fundamental compartilhada pela análise institucionalista, a ideia do impacto que as instituições causam na agência dos indivíduos, não podendo ser esses tratados isoladamente, mas sim a partir das relações que emergem a partir da influência institucional e reconstituem crenças e preferências (HODGSON, 2002, p. 168).

Lawson (2005) propõe uma visão diversa à Hodgson-Mayhew, considerando haver um problema em definir a tradição institucionalista a partir de uma propriedade das relações institucionais e não da definição das próprias instituições. Ademais, tal propriedade, colocada como característica diferencial do institucionalismo original poderia ocorrer em outras teorias consideradas heterodoxas, mesmo os austríacos partilhariam de uma visão da cultura como

¹⁹ Geoffrey Hodgson é professor emérito de Administração na Universidade de Loughborough em Londres e editor-chefe do “*Journal of Institutional Economics*”, Anne Mayhew é professora emérita de economia da Universidade do Tennessee e editora do periódico “*Real World Economics Review*”.

²⁰ São consideradas correntes heterodoxas pela literatura, além do institucionalismo original, os escritos marxistas, pós-keynesianos, feministas e os austríacos, dentre outras (LAWSON, 2006).

influenciadora do comportamento individual (LAWSON, 2005, p. 11). Dessa forma, a característica apresentada por Hodgson e Mayhew não seria suficiente para delimitar a análise como institucionalista original, mas seria condizente com uma visão de mundo partilhada pela heterodoxia como um todo, conforme a tese lawsoniana.

Contrariamente a Lawson (2003, 2006) Geoffrey Hodgson pretende realizar uma demarcação da teoria institucionalista original ao diferenciá-la das demais correntes heterodoxas e da ortodoxia econômica. Para Hodgson (2000), haveria cinco características principais aos escritos institucionalistas, mas somente uma delas seria suficiente na delimitação da teoria. Dentre as características necessárias, mas não suficientes, estariam (1) a não equiparação da teoria com as políticas públicas adotadas, (2) a interdisciplinaridade, (3) a análise do processo de modificação, conservação e inovação institucional vigente e (4) a consideração da economia como um sistema aberto e evolutivo afetado por mudanças tecnológicas²¹. Tais elementos não seriam apreendidos apenas nos escritos institucionalistas, não constituindo a essência da tradição. Por outro lado, a característica crucial seria **a consideração de uma relação de influência tanto dos indivíduos para as instituições, mas, principalmente, das instituições para os indivíduos**. Nesse sentido, o agente da teoria não é dado como requer a metodologia ortodoxa, mas é fruto de uma emergência relacional em que é afetado e reconstituído pelas instituições e situações culturais (HODGSON, 2000, p.3). Tal conceito, partindo da noção de um indivíduo institucionalizado, é chamado de causação descendente reconstitutiva (*reconstitutive downward causation*) e é considerado por Hodgson como o critério de demarcação do antigo institucionalismo frente à teoria *mainstream* e mesmo ao novo institucionalismo²².

Contrariamente à causalidade ascendente – indivíduos afetando as instituições – o conceito de causação descendente não seria tão explícito nas análises científicas e, principalmente, na análise econômica ortodoxa, ao considerar um indivíduo maximizador de utilidade pré-determinado. Tal conceito implica na impossibilidade do individualismo metodológico, pois, as partes não podem ser consideradas como dadas para a explicação do todo (HODGSON, 2002). Haveria uma reconstituição das predisposições dos indivíduos, assim, além de uma modificação comportamental, Hodgson considera mudanças nos hábitos

²¹ Hodgson utiliza o termo “sistema aberto” no sentido de ser um sistema em interação em ato ou potência com o entorno (2000, p.323). O conceito não foi usado amplamente antes de 1945, foram K. William Kapp [1968, 8] e Shigeto Tsuru [1993, 73] os precursores no uso do termo para o institucionalismo: “*they made the idea of the economy as an open system one of the defining characteristics of institutionalism*” (HODGSON, 2000, p. 318).

²² A teoria novo institucionalista é considerada por Hodgson como condizente ao *mainstream* ao assumir um indivíduo dado (HODGSON, 2000, p.325)

dos agentes²³. Dessa forma, entender a causação reconstitutiva descendente como aspecto diferenciador do institucionalismo original frente ao novo institucionalismo e ao *mainstream* ortodoxo implica em renegar o individualismo metodológico e considerar que as instituições afetam, tempo e espacialmente, qualidades fundamentais dos indivíduos, não apenas comportamentais, mas as próprias predisposições de agir e suas preferências. Para Hodgson, tal característica de um indivíduo institucional e culturalmente constituído estaria presente nos escritos institucionalistas, e somente nesses, “desde Veblen até Galbraith” (HODGSON, 2000, p. 327).

Anne Mayhew (1987) igualmente defende a ideia de cultura como uma das premissas básicas ao institucionalismo, considerando-a como criação da sociedade, mas também afetando o comportamento dos indivíduos. A autora avaliza a conceituação apresentada por Hodgson (2000) ao denominar a relação descendente das instituições como critério definidor da teoria institucionalista original: “[a]s I understand Geoff, he is saying that what is distinctive and attractive about institutional economics is the emphasis on seeing people as cultural animals, or, in his words, as “institutionalized individuals” (MAYHEW, 2000, p.331). Além disso, Mayhew critica a centralidade de uma racionalidade universal e *a priori* nas análises das ciências sociais e propõe a noção de cultura como contraposição à universalidade e centralidade da análise de um indivíduo racional, rejeitando, como Hodgson, o individualismo metodológico da tradição ortodoxa. Nesse sentido, Hodgson e Mayhew corroboram a visão de haver uma propriedade fundamental, suficiente e necessária ao institucionalismo original, a chamada causação descendente reconstitutiva. Tal ênfase nos indivíduos institucionalizados e na relação entre agência e instituições diferenciaria os escritos institucionalistas das demais teorias heterodoxas e, principalmente, da ortodoxia vigente.

Lawson, em “*The nature of Institutional Economics*” (2005) não nega que a ideia de indivíduos institucionalizados esteja presente na teoria institucionalista original, porém, discorda da delimitação da teoria a partir do conceito de causação descendente reconstitutiva. Para Lawson tal característica faria parte de uma concepção de **fenômenos sociais emergentes** das interações humanas com a estrutura que não estaria presente no histórico da tradição institucionalista, apenas em um “projeto moderno do institucionalismo original” (LAWSON, 2005, p. 10). Tal recurso ontológico de emergência é proposto pelo realismo

²³ Enquanto o comportamento do indivíduo está como ato, o hábito estaria em potência. Para Hodgson (2004) hábitos são regras internalizadas e se apresentam como propensão: “[t]he mechanisms of habit are largely unconscious, but they may press on our awareness. Habits are submerged repertoires of potential behaviour; they can be triggered or reinforced by an appropriate stimulus or context (...) It [a habit] is a propensity to behave in a particular way in a particular class of situations” (HODGSON, 2004, p. 652).

crítico e não faria parte da definição de instituição apresentada nos escritos do institucionalismo original, podendo ser entendido como uma definição anacrônica. Enfatizar tal propriedade das relações institucionais não condiziria com o foco principal da análise histórica do institucionalismo original. Tampouco poderia ser utilizada para delimitar a teoria de outras correntes heterodoxas, pois entender a ciência econômica a partir de relações emergentes entre agentes e estrutura, de fato diferenciaria todo o projeto heterodoxo frente à visão atomista da ortodoxia econômica.

Assim, a pretensão de Hodgson-Mayhew de delimitar o institucionalismo original a partir de uma característica ontológica emergente, ou seja, no entendimento da natureza do objeto de estudo da ciência econômica como inter-relacional, pode ser considerada anacrônica e não preserva a orientação histórica do projeto institucional (LAWSON, 2005, p. 11). Argumentos de emergência seriam fruto de um projeto filosófico moderno do realismo crítico e suas bases ainda não estariam nas definições iniciais do institucionalismo. O conceito de causação descendente reconstitutiva não poderia, assim, servir de definição à tradição institucionalista frente ao projeto *mainstream*, e, tampouco, defini-la como diversa às demais teorias heterodoxas.

Paralelamente, a característica primordial e diferenciadora da visão econômica ortodoxa seria, para Lawson, a insistente imposição de uma única metodologia na análise dos fenômenos sociais, o método matemático-dedutivo (LAWSON, 2005, p.12). A defesa de inferências dedutivas corresponderia a uma visão positivista da ciência que considera a realidade como um sistema fechado, em que há regularidades de eventos (determinista ou estocástica) que podem ser apreendidas através de leis gerais. O formalismo matemático-dedutivo como metodologia única e essencial seria, assim, característica predominante da ontologia implícita no *mainstream* econômico, considerando a realidade social como um sistema fechado baseado no atomismo e isolacionismo (LAWSON, 2005).

Assim, a oposição ontológica heterodoxa frente à ortodoxia consistiria em reconhecer a realidade social como aberta – não redutível a regularidades de eventos; estruturada – não redutível ao comportamento humano; intrinsecamente dinâmica ou processual e internamente relacionada (LAWSON, 2005, p. 12). Considerar a realidade aberta implica em não aceitar, como orientação metodológica única e sempre adequada, métodos que pressupõe o fechamento da realidade. No entanto, não acarreta em uma rejeição total ao formalismo, apenas rejeita a insistência em considerar a modelagem como caráter definidor da teoria, o reducionismo metodológico, conforme Lawson (2006, p. 492): “*notice that this does not*

amount to a rejection of all mathematical–deductive modelling. But it is a rejection of the insistence that we all always and everywhere use it’.

Por outro lado, o critério ontológico da natureza social da realidade como aberta é entendido por Hodgson (2000) de forma diversa. Hodgson classifica a pressuposição da ontologia de sistemas abertos como uma característica necessária, mas não suficiente na definição da natureza do institucionalismo original e propõe que algumas teorias do *mainstream* poderiam considerar a noção de sistemas abertos. Tal conceituação diverge da apresentada por Lawson, pois, ao partir de uma ubiquidade de regularidades empíricas o *mainstream* considera o fechamento da realidade, caracterizar a realidade como aberta ou fechada partiria, então, do pressuposto de universalidade das regularidades empíricas e não de uma aceitação de novas variáveis, conforme propõe Hodgson no trecho a seguir:

What is an open system? Arguably, it is a system that is open to flows of matter, energy or information across its boundary—a system in actual or potential interaction with its environment. Is a national economy engaging in trade with other countries an open system? If so, then standard neoclassical macroeconomics has also embraced open systems. Insofar as neoclassical economics deals with the environmental impact of economic activity, it might also be said to be dealing with an open system (HODGSON, 2000, p.323)

Em resumo, o conceito proposto por Hodgson e Mayhew como delimitador da teoria institucionalista original seria mais visível em um denominado “institucionalismo moderno” e considera definições anacrônicas ao histórico institucionalista como a noção de emergência (LAWSON, 2005, p. 14). Ademais, tal natureza emergencial proposta ao institucionalismo faria parte de uma visão heterodoxa como um todo. A consideração de uma influência das instituições nos indivíduos faria parte de um entendimento da realidade como aberta, avessa ao atomismo, que condiz com as diversas correntes opostas ao *mainstream* ortodoxo, como as teorias marxista, pós-keynesiana, feminista e até os austríacos. Lawson propõe, então, que o que diferencia tais correntes consiste no foco dado ao se questionar a realidade, sendo o comprometimento ontológico o ponto unificante de tais projetos, ainda que implicitamente.

2.2.1 CAUSAÇÃO DESCENDENTE RECONSTITUTIVA E PROPRIEDADES EMERGENTES

A partir da apresentação do teor do debate em relação a uma demarcação da teoria institucionalista original faz-se necessário indicar as confluências e divergências no

entendimento dos conceitos apresentados por Hodgson e Lawson, principalmente revisar a percepção do realismo crítico de propriedades emergentes e a proposta de Hodgson de causação descendente reconstitutiva. Se para Hodgson (2000) a característica definidora do institucionalismo original seria a causação descendente reconstitutiva, para Lawson tal característica se relacionaria com o conceito de propriedades emergentes e seria encontrada no projeto heterodoxo como um todo, não somente no institucionalismo. Hodgson, no entanto, entende que a ideia de causação descendente reconstitutiva vai além das propriedades emergentes conforme estabelecidas pelo realismo crítico (Bhaskar, 1979 [2008], Archer (1995)).

Para Lawson (2005) renegar o individualismo metodológico e a universalidade atemporal da corrente ortodoxa, conforme propõe Hodgson-Mayhew (2000) também é consequência do entendimento de propriedades emergentes entre os agentes e a estrutura. A própria noção de causação reconstitutiva descendente parece pressupor a concepção realista de emergência na esfera social a partir das interações entre agentes e estrutura (LAWSON, 2005, p. 9). Hodgson considera, no entanto, o conceito de causação reconstitutiva descendente como potencializador da crítica ao individualismo metodológico, além de entender haver falhas no realismo crítico ao supostamente negligenciar a explicação do mecanismo por trás da emergência, conforme trecho a seguir:

*[a]lthough critical realism has been shown to be an advance on rival theories in some respects, it can be criticised for not going far enough down this road. Critical realism shares a defect with much other social theory. It is simply assumed that all actions are motivated by reason. **The causes of reason itself are neglected.** There is no explanation of how reasons are caused (HODGSON, 2002, p. 171, GRIFO NOSSO).*

O realismo crítico, ao considerar as propriedades emergentes como um aspecto relacional surgido da combinação entre agentes e estrutura se coloca como uma alternativa à dicotomia entre o holismo e o individualismo metodológico (ARCHER, 1995). Nesse sentido a agência humana não poderia ser redutível à análise da estrutura, em uma visão agregada que Margaret Archer (1995, p. 4) denomina de confluência descendente – *downward conflation* – ou *downward causation* (LAWSON, 2013). Ademais, a estrutura social não se reduz a uma análise individualista, entendida como confluência ascendente – *upward conflation* – ou *causal reduction* (LAWSON, 2013). Os dois fenômenos pertenceriam a diferentes níveis ontológicos da realidade social, irreduzíveis entre si, e seu entendimento pressupõe a não

redução de um pelo outro, mas a consideração das propriedades e poderes causais que emergem da sua inter-relação, não apreendidas empiricamente.

A emergência é então expressa pelo surgimento de uma característica nova, previamente ausente, a partir da relação de entidades conhecidas (LAWSON, 2013). Entender a realidade como um sistema aberto pressupõe o entendimento de tais propriedades emergentes, pois as relações estão em constante modificação e ajuste. No entanto, Lawson também considera que o conceito em si não trata dos aspectos causais da nova característica e das entidades que a compõem, ou seja, tratar de propriedades emergentes não denota a explicação dos poderes causais surgidos com as novas entidades, sendo o termo um marcador (*placeholder*) de tal incompletude na análise (LAWSON, 2013, p. 62). O que diferencia o seu entendimento da compreensão de Hodgson é a consideração das teorias da morfogênese, proposta pelos realistas críticos, como forma de suprir essa lacuna²⁴. A análise de tal teoria, no entanto, não faz parte do escopo do presente trabalho, mas é importante ponderar que há uma convergência entre os autores no entendimento de que o conceito de propriedades emergentes não oferece a compreensão causal entre a característica/entidade surgida e as entidades prévias. A diferença é que Lawson não vê tal fato como fraqueza do realismo crítico, pois a teoria trabalha tal relação a partir da concepção de uma teoria social da morfogênese.

Lawson trata então de uma “discordância aparente” em relação à natureza do institucionalismo original (LAWSON, 2005, p. 7). Considerando que o conceito de causação reconstitutiva descendente pressupõe a noção de propriedades emergentes proposta pelo realismo crítico o termo estaria em consonância com a concepção ontológica do projeto heterodoxo: (1) realidade social aberta, (2) estruturada, (3) não atomizada, (4) processual e (5) internamente relacionada (LAWSON, 2005, p.12). Dessa forma, a questão que se coloca é a impossibilidade de diferenciar a corrente institucionalista original das demais teorias heterodoxas através de tal característica.

Qual então seria o aspecto diferenciador de cada tradição heterodoxa para Lawson? A partir de um comprometimento ontológico uno e diverso da ortodoxia, os projetos heterodoxos constituiriam uma “divisão de trabalho” dentro de um projeto maior²⁵

²⁴ A teoria da morfogênese é proposta por Margaret Archer como metodologia explanatória com foco nas interconexões das propriedades e influências condicionantes (ARCHER, 1995). Considera, assim, que as propriedades emergentes são sistêmicas e contextuais, não havendo uma diferenciação entre níveis macro-micro, mas uma análise da realidade social como estratificada e interconectada. De acordo com Archer (1995, p. 5) “*The 'morpho' element is an acknowledgement that society has no pre-set form or preferred state: the 'genetic' part is a recognition that it takes its shape from, and is formed by, agents, originating from the intended and unintended consequences of their activities.*”

²⁵ A chamada divisão de trabalho parte de uma identificação dos escritos pós-keynesianos, por exemplo, com foco na incerteza fundamental decorrente da abertura da realidade. Os austríacos se identificariam pela ênfase

(LAWSON, 2005, p.12). As divergências entre as teorias são então consideradas a partir da ênfase dada na análise da realidade socioeconômica (LAWSON, 2006). Assim, a diferença primordial dentro da heterodoxia seria o foco particular de interesse, as questões substantivo-materiais propostas por cada corrente a partir da noção de realidade processual e aberta, não sendo possível a delimitação frente às demais tradições heterodoxas pelo critério ontológico (LAWSON, 2005). Lawson (2006) não pretende definir uma ideia fixa de projeto heterodoxo, nem negar a diferença entre as correntes, ao contrário, pretende buscar na visão processual e dinâmica das teorias uma ontologia comum como natureza afirmativa, além da simples negação do projeto *mainstream* ortodoxo. Dessa forma, seguindo a percepção de Hodgson-Mayhew (2000) de que haveria características essenciais ao institucionalismo original, Lawson expande tal defesa à própria tradição heterodoxa como um todo, entendendo haver apenas uma diferenciação das questões de interesse de cada teoria, a saber:

*The reason I reject the view that any heterodox tradition be identified according to substantive theories, methodological principles, policy stances and so forth is just because there is much disagreement on such matters within any given heterodox tradition as well as development of them overtime. If there is anything left over that can (and I believe does continually) unite each separate heterodox tradition as a coherent project within the wider heterodox programme, it is **a continuing interest not with answers or principles but with a particular set of questions or interests** (LAWSON, 2005, p. 13, GRIFO NOSSO).*

Nesse sentido, a questão de interesse do institucionalismo original seria o entendimento dos processos sociais, compreendendo a vida social a partir de aspectos de relativa continuidade, bem como de mudanças (LAWSON, 2005, p.19). O que demarcaria o institucionalismo original das outras correntes heterodoxas seria como a teoria lida com a estabilidade e a mudança através das instituições, pressupondo o comprometimento ontológico heterodoxo da realidade social aberta e, por isso, incerta. Focar no conceito de causação descendente reconstitutiva seria, sem dúvida, um dos aspectos da análise institucional, porém ocorreria como uma das preocupações institucionais no entendimento das causas da permanência e da mudança social e não como aspecto central analítico (LAWSON, 2005, p. 14).

O posicionamento de Lawson (2005, 2006) e suas bases teórico-filosóficas passam a ser criticados e debatidos por Hodgson (2006, 2009). Hodgson sugere que a proposta de

nos processos do mercado e empresariais. Já a economia feminista teria como projeto a ênfase nas relações de gênero e do cuidado, enquanto o marxismo focaria nas relações de classe (LAWSON, 2005). Todas as tradições heterodoxas partiriam, assim, da pressuposição de uma ontologia da realidade social como sistema aberto, dominada pela incerteza, mas, focariam em aspectos diversos da realidade a partir de interesses particulares.

Lawson de distinção entre heterodoxia e *mainstream* é inconvincente e que a unidade ontológica heterodoxa lawsoniana seria a rejeição ao método matemático-dedutivo (HODGSON, 2006, p.213). Hodgson parece então compactuar com a visão de definição negativa da heterodoxia, apenas em contraponto ao *mainstream*. No entanto, essa não é a defesa de Lawson, que argumenta ser a heterodoxia pautada pelo pluralismo metodológico, e não pela rejeição de um método (LAWSON, 2006, p.492). Ocorre que a metodologia aplicada universalmente pelo *mainstream* não seria condizente com a ontologia da realidade social. Ou seja, utilizar a inferência matemático-dedutiva com a finalidade de analisar e prever implica na aceitação de fechamentos da realidade, o que não ocorre, senão raramente, na realidade social e não mereceria o tratamento universalizado. Lawson (2006, p. 496) diz: “*I emphasise that the possibility of closures of the causal sequence kind, i.e., of the sort pursued by modern mainstream economists, cannot be ruled out a priori*”. Importante observar que Lawson não exclui totalmente a possibilidade de regularidades empíricas, apenas que a generalização e ubiquidade *a priori* dessas como precondições ontológicas consiste no problema primordial da análise do *mainstream* econômico. O problema não seria a metodologia matemática em si, mas a visão de mundo que pressupõe a utilização generalizada dessa.

Dito de outro modo, Hodgson (2006) simplifica o posicionamento de Lawson a uma definição negativa da heterodoxia. A unidade heterodoxa, no entanto, seria o entendimento da realidade social como aberta, processual e inter-relacionada. Tal comprometimento ontológico não pressupõe ubiquidade de fechamentos, porém não nega a possibilidade da existência de regularidades empíricas. Entretanto, sendo tais regularidades raramente apresentadas na realidade social deve-se respeitar uma pluralidade metodológica e não a universalidade de um método único. Na definição de Lawson a visão restritiva está contida no projeto ortodoxo ao propor uma ontologia de fechamentos e regularidades empíricas ubíquas e a utilização do método matemático-dedutivo como possibilidade única de análise. O dedutivismo pressuporia então a existência de sistemas fechados, partindo de leis universais que implicam na ubiquidade de regularidades de eventos determinísticas ou probabilísticas. A esfera do social seria assim restritivamente considerada como um conjunto de agentes isolados, em que não há emergência, mas sim constância de eventos previsíveis, “*dadas as condições x, segue-se o resultado (previsível e dedutível) y*” (LAWSON, 1994).

Hodgson considera, então, a tentativa lawsoniana de distinguir o comprometimento ontológico com a realidade aberta da heterodoxia como inadequada e inconvincente, pois para ele toda teoria inevitavelmente envolveria fechamentos (HODGSON, 2005, p. 220). Ademais, a unidade ontológica desconsideraria as divergências internas das teorias heterodoxas e não

levaria em conta abordagens matematizadas em alguns escritos institucionalistas. Distinções dentro da tradição institucionalista são, assim, estressadas por Hodgson (2006, 2009) como se corroborassem para a negação da tese de Lawson. Porém Lawson reconhece que as divergências internas são comuns dentro de uma teoria heterodoxa. O que resta de projeto teórico é a forma dos adeptos entenderem o mundo, o comprometimento ontológico, ainda que possam divergir substancialmente. Lembrando que a unidade ontológica heterodoxa pode ainda não ser reconhecida explicitamente, conforme demonstra Lawson (2006, p. 493):

I do not claim that the ontological orientation of the heterodox opposition has always been, or is always, recognised. To the contrary, I believe that one reason that the heterodox traditions have been less effective than their case appears to warrant is precisely that the ontological nature of their opposition has rarely been made sufficiently clear.

A discordância de Lawson e Hodgson demonstra-se, assim, com base na defesa da ontologia de sistemas abertos e na possibilidade desse ser o comprometimento ontológico unificante da heterodoxia. Para Hodgson-Mayhew o institucionalismo original possuiria características diversas das demais correntes heterodoxas e se comprometeria com posicionamentos únicos de análise da realidade. Já a posição de Lawson é a de defender uma ontologia una por parte da heterodoxia, entendendo as teorias como “divisão de trabalho” com um aspecto de complementaridade. Contudo, tal comprometimento nem sempre é explicitado pelas teorias e tal lacuna de uma defesa da visão de mundo compartilhada seria a causa de “cooptação” da tradição dominante de temas de preocupação heterodoxa a partir de análises de fechamento da realidade, conforme trecho a seguir:

Mainstream economists have found it all too easy to find closed-system substitutes for heterodox claims or emphases, once it is admitted that heterodox economists have made a point. Thus, uncertainty is mapped onto risk; evolutionary concepts are shorn of their Darwinianism and reinterpreted in terms of the requirements of non-linear or game theory modelling; care for others becomes a variable in a utility function; and so on (LAWSON, 2006, p. 497).

Entende-se, então, que tal concepção lawsoniana não é recebida de forma pacífica pela própria heterodoxia. O que se mostra mais comum é uma busca por diferenciar as correntes entre si de forma valorativa e não uma defesa de um projeto maior de metodologias diversas ao projeto ortodoxo. A defesa de uma posição heterodoxa apenas como uma negativa ao posicionamento dominante nas ciências econômicas ainda permanece na literatura (COLANDER *et al.* 2004; DEQUECH, 2007). Nesse sentido, apresentar o debate em relação à corrente institucionalista original travado por Hodgson-Mayhew e Lawson colabora para

demonstrar que há uma defesa de um posicionamento filosófico e agregado na heterodoxia econômica discutido, principalmente, além da ortodoxia.

Conclui-se, portanto, que o projeto de uma virada ontológica nas ciências econômicas foi o foco nos escritos da segunda fase de Lawson. A proposta de uma unidade de pensamento na heterodoxia econômica foi bastante debatida com os pares e levou a modificações significativas na própria concepção de Lawson, que passou a reconsiderar o próprio posicionamento filosófico como realista crítico e a abranger uma unidade ontológica não apenas na heterodoxia econômica, mas nas ciências sociais como um todo. Conforme será exposto na seção seguinte, referente à terceira fase dos escritos do autor.

3. REVISANDO A CRÍTICA: A TEORIA DA ONTOLOGIA SOCIAL

A partir da última década dos anos 2000 há uma inclinação de Lawson à adaptação de uma teoria da ontologia social além da denominação, utilizada até então, de realismo crítico. O autor propõe um retorno ao posicionamento ontológico acima de um comprometimento com a análise que os realistas críticos vêm propondo. Além disso, há uma busca por um posicionamento geral às ciências sociais e não só para a ciência econômica. Os anos 2010 abarcam diversos escritos interdisciplinares, correspondendo também à época em que Lawson foi membro do projeto em Morfogênese juntamente com a socióloga Margaret Archer²⁶(LAWSON, MORGAN, 2021). Tais textos corroboram, então, para a suposição de uma modificação da abrangência da teoria do realismo crítico na economia para uma teoria da ontologia social nas ciências sociais em geral.

Em entrevista publicada no *Journal of Critical Realism* (MORGAN; LAWSON, 2021a, p. 77) o economista defende que não modificou sua posição como realista crítico, porém prefere definir sua posição ontológica a utilizar o “rótulo”, a saber:

I haven't changed in my commitment to Critical Realism as I all along understood it. However, I think the way that many now interpret or use the term Critical Realism is often at odds with my own understanding. So, I find it is simply less likely to mislead if on each occasion I spell out the assessments to which I commit, rather than relying on a label to speak for itself.

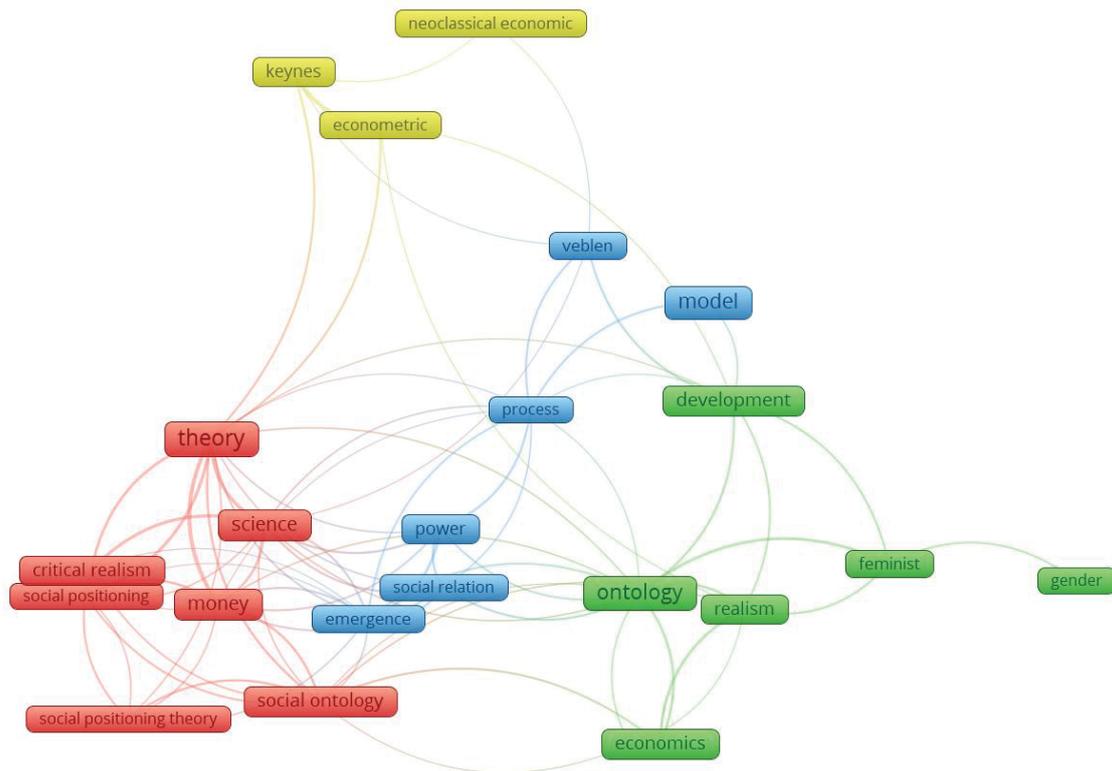
Nesse sentido, o autor foca em demonstrar um compromisso ontológico, culminando com diversas publicações de reexame das categorias ontológicas previamente apresentadas, como a estruturação da realidade em diferentes domínios e a emergência dos fenômenos a partir de tais domínios além do empírico. Tal movimento está em conformidade com o entendimento inicial do autor da falibilidade e modificação do processo teórico (LAWSON, 2003). Lawson preferiu, portanto, se descolar do rótulo e retomar os questionamentos ontológicos iniciais visando evitar uma normatividade metodológica e focar no questionamento da natureza da estrutura da realidade social (LAWSON, 2009, 2021). Nas palavras de Lawson (2009, p. 103): “*My project is characterised by a turn to ontology in social theory as an explicit undertaking. This is what I have been doing since the late 1970s*”.

Considerando o extenso período de publicações de Lawson é possível demonstrar as modificações teóricas e conceituais ocorridas ao longo das três fases designadas. Na figura 5 é

²⁶ Lawson participou do projeto de Archer entre 2013 e 2017 com o intuito de compreender as relações de causalidade na emergência de fenômenos (LAWSON, 2013, 2017). Ver nota 24.

possível visualizar, através da análise de coocorrência, a evolução dos termos utilizados e uma subdivisão de temas de interesse a partir de quatro *clusters* diversos, a saber:

Figura 5: Grafo de coocorrência de termos nas três fases de escritos de Tony Lawson (1980 - 2022)



Fonte: a autora a partir do software *VOSviewer*

Entende-se que o *cluster* em amarelo representa a preocupação de Lawson em buscar embasamento em Keynes na crítica à econometria e à economia neoclássica. Tais termos estão mais fortemente relacionados com o *cluster* em azul e vermelho. O primeiro representaria a busca no Institucionalismo Vebleniano para a complementação da posição ontológica na heterodoxia econômica. Tal *cluster* é central na ligação dos termos apresentados em verde e vermelho. O *cluster* em verde estaria representando discussões trazidas pelo realismo filosófico e o *cluster* vermelho trazendo as discussões mais substantivas. Importante notar como os termos “critical realism” e “social positioning” aparecem praticamente sobrepostos, demonstrando uma possível substituição da posição de Lawson de realista crítico

a uma defesa da teoria do posicionamento social como uma ontologia social mais abrangente. Tal modificação teórico-metodológica será abrangida nas seções seguintes.

3.1 AFASTAMENTO DE LAWSON DO REALISMO CRÍTICO?

Conforme descrito nas seções anteriores Lawson buscou no realismo filosófico as respostas para o seu estranhamento em relação à metodologia difundida nas ciências econômicas, encontrando no realismo crítico as proposições ontológicas que condiziam com suas posições. No entanto, a proposta filosófica do realismo crítico está em constante evolução nas ciências sociais (LAWSON, 2009). Além disso, o pensamento de Lawson também se modifica ao longo dos anos. Nada mais coeso, para o autor, portanto, não se limitar a uma denominação teórico/metodológica, mas focar nas suas concepções e evoluções de termos e conceitos ao longo dos anos. Assim, não há de fato uma ruptura de Lawson com o realismo crítico, mas o autor pretende expor uma ontologia social mais abrangente, sem especificar uma teoria substantiva ou metodologia. Focar na ontologia possibilita a aceitação de divergências nas explicações empíricas, nesse sentido, contribui para a análise de unidade nas teorias heterodoxas a partir de uma visão ontológica comum. Lawson (2009, p. 104) diz: *“Any two people agreeing on a particular ontological conception can differ in their additional empirical claims. But ontological insight helps avoid inappropriate reductionist stances and aids explanatory and ethical work”*.

Retomando os escritos do autor percebe-se que a nomenclatura de realismo crítico foi utilizada, desde o início, com ressalvas. Lawson (1997, p. 173 e 174) já demonstrava: *“It [critical realism] is a label that I am not entirely comfortable with. But it is now well ingrained in the fast growing related literature and this seems a good enough reason to persevere with it, at least for the time being (GRIFO NOSSO)”*. Ainda, em relação à falibilidade de uma concepção teórica Lawson (2003, p. 53) diz:

(...) an ontological conception, just like any other, is inevitably fallible and partial and, in some aspects at least, doubtless transient. I believe this is well recognised by those contributing to the project of critical realism, with the consequence that such individuals are continually endeavouring to extend the project's insights and rectify inadequacies.

Entende-se, assim, que o termo “realismo crítico” foi usado desde o início para demonstrar uma perspectiva ontológica comum a diferentes áreas de conhecimento. Importante lembrar que o grupo que inicialmente forma o “*Centre for Critical Realism*” na

década de 1990 adveio do “*Cambridge Realist Workshop*”, formado por Roy Bhaskar (filósofo), Margaret Archer (socióloga), Andrew Collier (filósofo), Tony Lawson (economista) entre outros. As discussões giravam em torno de uma crítica à teoria social a partir de uma visão ontológica comum, que consistia em entender a realidade como aberta, processual, relacional e reproduzida através de práticas humanas (MORGAN; LAWSON, 2021a). Ainda, com o intuito de complementar as discussões do “*Cambridge Realist Workshop*” – que acabou perdendo o caráter de debates internos e se tornando um grande grupo aberto a todos, trazendo diversos nomes para palestras ainda hoje (MORGAN; LAWSON, 2021b) – formou-se, em 2002, o “*Cambridge Social Ontology Group*”²⁷. O novo grupo de pesquisa passa então a focar no projeto de desenvolvimento de uma ontologia social construtiva para o entendimento da realidade social. O olhar se voltou para a natureza e conceituação ontológica do fenômeno social

Seguindo a ideia de classificação do pensamento econômico através de pressuposições filosóficas, como propõe Lawson (2003; 2007) em relação à heterodoxia, a própria teoria de Lawson seria passível de classificação. Nuno Martins (2021) o coloca como parte de uma tradição econômica de Cambridge. Tal tradição se caracterizaria pela aceitação de pressuposições ontológicas comuns, além de uma metodologia plural e uma preocupação ética com a distribuição social, defendidas conjuntamente. O projeto, atualmente defendido como “*Cambridge Social Ontology*”, expressaria tal comprometimento à tradição econômica disseminada em Cambridge. Martins (2022) explicita tal defesa da Ontologia Social de Cambridge como um projeto de pesquisa desenvolvido há mais de três décadas e liderado por Lawson. Para Martins (2022, p. 150) o projeto passou de uma crítica à metodologia disseminada pelo *mainstream* econômico para o desenvolvimento e defesa de uma concepção de realidade social. Importante notar que Martins (2022) considera o projeto de Lawson como equivalente ao *Cambridge Social Ontology*. Assim, Martins não pressupõe a existência de uma fase inicial, conforme aqui defendido, de exploração de referências econômicas e filosóficas na década de 1980 e início de 1990, culminando com a defesa do realismo crítico por Lawson. Porém, não diverge em relação à modificação de fases no decorrer dos anos 2000, além de concordar com a defesa atual de uma concepção de realidade social apresentada a partir da teoria do posicionamento social.

Além disso, segundo Faulkner *et al* (2017), o trabalho desenvolvido em Cambridge é caracterizado como um dos maiores grupos dedicados à ontologia social, juntamente com o

²⁷ <https://www.csog.econ.cam.ac.uk/>

“Berkeley Social Ontology Group”. Lawson é considerado a figura central do grupo em Cambridge e participou de discussões também em Berkeley²⁸. Nas palavras de Faulkner *et al* (2017, p. 1265): “Lawson has led the way in showing how the neglect of ontological issues and accompanying scientism made the failings of modern economics pretty much inevitable”. A concepção particular de Lawson se daria em relação a uma ontologia filosófica, que se preocuparia em acomodar todos os fenômenos do domínio social. Nesse período, também considerado como uma terceira fase do autor por Faulkner, *et al* (2017), Lawson passa a diferenciar a denominada ontologia filosófica, do que seria a ontologia científica.

No entendimento do grupo de Cambridge, ontologia científica envolveria o desenvolvimento de conceitos chave na sociedade, como buscar o entendimento da natureza da corporação, da moeda, de gênero, da tecnologia, do poder e instituições (LAWSON, 2019). Por outro lado, a ontologia filosófica se preocuparia com características comuns a todo o domínio social. A diferença se dá na especificidade, portanto, sendo a ontologia científica o estudo da natureza de conceitos específicos à teoria econômica, no caso de Lawson. Nesse sentido, a teoria do posicionamento social, desenvolvida nos últimos anos, seria uma contribuição à ontologia filosófica. Em Morgan (2021b, p. 202), Lawson responde: “It [social positioning theory] rests on social ontological features of the sort that I associate with Critical Realism but goes further in terms of identifying and including other features, and in particular those that bear significantly on how things hang together”.

Assim, a chamada teoria do posicionamento social, defendida por Lawson pós 2009, continua sendo, como o realismo crítico, uma perspectiva de ontologia filosófica. Não trata exatamente de questões teóricas substantivas, mas representa uma concepção filosófica às ciências sociais. Para Morgan (2021b, p. 79) Lawson se demonstra cético em relação à aplicabilidade atual do realismo crítico. Nesse sentido o mais preciso seria descrevê-lo como ontologista social e não mais como realista crítico, a saber:

I have resisted using the Critical Realist label in referencing applied, substantive or scientific analyses etc. Indeed, even as I developed ontological theorizing at a more concrete level, as in social positioning theory, it has been met with critical responses from others within Critical Realism.

O livro “*The nature of social reality*”, publicado em 2019, discute e apresenta a teoria do posicionamento social, conforme demonstrado na seção seguinte.

²⁸ O maior expoente do grupo de Berkeley é o filósofo John Searle, que oferece uma visão alternativa em relação à ideia de emergência defendida por Lawson. Searle é considerado por Morgan (2021, p. 204) o filósofo mais influente na contribuição a uma literatura da ontologia social. Há diversos artigos de Lawson debatendo ideias ontológicas com Searle (LAWSON, 2016a; 2016b).

3.2 “THE NATURE OF SOCIAL REALITY”: A TEORIA DO POSICIONAMENTO SOCIAL

O livro de 2019, assim como o “*Reorienting Economics*”, é uma coletânea de ensaios, alguns previamente publicados e que definem a temática da obra de Lawson nessa terceira, e atual, fase. Na obra há, então, a consagração do movimento a tornar explícita a ontologia considerada, a chamada “virada ontológica” já defendida em Lawson (2003)²⁹. O livro se divide em cinco partes, sendo as duas primeiras dedicadas a explicitar a defesa e o contexto de uma ontologia social. Já a parte três trabalha tópicos específicos em conformidade com uma ontologia científica, discutindo a natureza da firma e da moeda. A quarta parte se dedica a esclarecer as concepções de emergência defendidas pelo “*Cambridge Social Ontology Group*”. Finalmente, a parte final da obra oferece o projeto de emancipação humana e mudança social a partir do entendimento da ontologia social.

Lawson (2019) se aprofunda na busca pela natureza social do objeto das ciências econômicas e por fundamentos ontológicos adequados às ciências sociais, identificando propriedades e entidades que seriam categorizadas como sociais, pois dependem de interações humanas e inexistem sem a presença humana e de suas atividades. Nesse sentido há uma busca pela cientificidade da ciência social, além do naturalismo ontológico, ou seja, explicar tudo em termos de causas naturais. Para Lawson, categorias como “*social position*”, “*social power*” e “*social relation*” não podem ser acomodadas na perspectiva naturalista. No entanto, Lawson não nega a ontologia naturalista em outros campos de estudo, apenas pretende definir a análise da ciência social como irreduzível às ciências naturais. A realidade social deve ser entendida como distinta, porém dependente, da materialidade não social (LAWSON, 2019, p. 32). Haveria então uma ontologia social que deve ser definida e entendida como além do naturalismo, ao estudar a natureza do ser social.

Tal natureza do ser social deve levar em consideração a organização comunitária e a natureza relacional das posições sociais ocupadas. A concepção de ontologia de Lawson, e do *Cambridge Group* diverge da concepção defendida pelo filósofo John Searle, tomando diferentes pontos de partida. Lawson parte das interações sociais que se apresentam na busca por suas condições de possibilidade (*working backwards*). Por outro lado, a concepção de

²⁹ Importante notar que o termo “virada ontológica” advém da antropologia e foi cunhado pelo antropólogo social brasileiro Eduardo Viveiros de Castro e professor da Universidade de Cambridge no final da década de 1990. Lawson (2003), no entanto, não menciona o antropólogo ao utilizar o termo, mas o faz em 2019 em uma nota de rodapé do Capítulo 2 “*Ontology and the study of social reality*”, publicado anteriormente em 2012 na *Cambridge Journal of Economics*.

Searle se caracteriza por um olhar à frente (*working forwards*), construindo resultados a partir de ciências não sociais, lidando com a teoria atômica e com a teoria evolucionária (LAWSON, 2019, p. 33). Nesse sentido, Searle não se contrapõe ao naturalismo ontológico, entendendo uma relação de dependência e continuidade com o mundo não social. Ademais, conforme explicitado em Lawson (2019), há uma divergência com Searle também em relação à natureza da emergência. Para Searle a redução causal segue imediatamente da emergência, levando a uma redução ontológica. Lawson pretende superar tais reduções considerando que a própria forma de organização social é emergente e irreduzível, tanto ontologicamente, quanto causalmente aos indivíduos. Lawson (2019, p. 52) diz:

In other words, certain powers of coordinated interactions are available to individuals qua community members, constituting affordances, involving rights and obligations, that would not have emerged if human individuals were instead mere-biological beings that just happened to be situated in close time-space proximity of others but without much, if any, sense of group collective practices.

Nesse sentido, Lawson traz a importância da consideração da estrutura organizacional da sociedade como emergente da atuação dos indivíduos em comunidade. A realidade social é entendida como uma totalidade emergente de fenômenos sociais que dependem da existência humana. Toda atividade humana ocorre em um contexto, isto significa que a ação humana se dá como um componente inserido em uma sociedade. Lawson (2019) desenvolve, então, como tese central, a noção de posicionamento social como o contexto e a forma como as comunidades se organizam. A teoria vai além da problemática agente-estrutura, ao considerar os aspectos constitutivos e relacionais das comunidades, sendo que o processo de posicionamento social seria decorrente de qualquer tipo de interação humana (MORGAN, 2021b). É através do exercício dos poderes oferecidos aos ocupantes das posições que se efetua o contato entre agência humana e a estrutura social (LAWSON, 2019).

Os aspectos relacionais da realidade social são, então, acentuados pela teoria do posicionamento social. Recorrendo à comparação com o mundo natural, Lawson expõe que, se no mundo físico o amálgama dos elementos se dá por ligações químicas, atrações elétricas, colisões, etc, no mundo social tal amálgama (*bind*) é realizado pelo posicionamento social. (LAWSON, 2019, p.12). A análise a partir de tal teoria buscaria a aplicação de dois princípios: (1) buscar o entendimento da estruturação do posicionamento social em si ao analisar a totalidade do sistema social a partir de comunidades humanas e; (2) entender a ascensão de um indivíduo (ou objeto) a ocupar uma posição, ou seja, como se tornam elegíveis e como se dá a alocação de oportunidades e construção de posições específicas a cada comunidade.

A própria alocação de posições é com frequência um processo discriminatório. Há, então, a necessidade de entender a natureza das posições produzidas na sociedade e como tal acesso é determinado. A cada posição, relacionalmente constituída em referência à totalidade, vinculam-se um conjunto de direitos e obrigações. Caso a posição seja ocupada por artefatos, os direitos e obrigações são determinados em relação aos agentes que se relacionam com esses. Portanto, Lawson (2019; 2022) diferencia posições de pessoas e objetos e a efetivação do posicionamento do componente se dá quando os direitos e obrigações daquela posição são exercidos.

Regras e obrigações servem, assim, para organizar a vida social. Tais regras se apresentam como questões normativas relacionadas a práticas coletivas. Emergem da própria prática, porém são ontologicamente distintas dessas. Uma regra pode ser quebrada ou ainda nunca codificada ou mal interpretada. (LAWSON, 2019). Nesse sentido, são representações de normas, interpretadas como procedimentos generalizados de ação e expressam conteúdos aceitos, admitidos pela sociedade em um determinado contexto. Lawson (2019, p.53) expõe:

I do not wish to suggest that rules are always a posteriori features of spontaneously evolving collective practices. Clearly, rules may equally be introduced in an a priori fashion via a decision or declaration by a relevant body or subgrouping of the community and designed to facilitate new forms of collective practice or coordination, or to transform the manner in which forms of coordination have previously been achieved etc.(LAWSON, 2019, p. 53)

Portanto, a relação social se expressa através de pares de direitos e obrigações que são internamente relacionadas às comunidades em que emergem e aos atores que interagem. Há um processo coletivo de distribuição de oportunidades de vida como efeito das posições sociais (MORGAN; LAWSON, 2021b). Os exemplos trazidos por Lawson demonstram a diferença de pares de direitos e obrigações a cada posição tomada: professor(a)-aluno(a), comprador(a)-vendedor(a), locatário(a)-locador(a), empregador(a) –empregado(a). Ao ser alocado a uma posição o indivíduo tem acesso àquela relação direito-obrigação. Lawson (2019, p. 208) considera que tais relações estão presentes em todas as sociedades humanas desde sempre e são centrais a todas as constituições comunitárias, ainda que informais. Lawson (2019, p. 207/208) exemplifica:

To give an example, in virtue of being positioned as a researcher in the Faculty of Economics in Cambridge, I have the right to go to the Economics Faculty library and request of a librarian that he or she fetches a book from the basement (to which I have no access). The right I am exercising in this, characterizing the position I occupy, is matched to an obligation of the librarian (characterizing the position 'librarian') to go fetch the book when requested to do so. This is a power-over

social relation; the librarian must at some point fetch the book even if it is the last thing in the world he or she wishes to do.

Indo além, há uma separação entre possuir as capacidades necessárias para se posicionar como ‘X’ e realizar as funções designadas ao posicionamento ‘X’. Não necessariamente a pessoa ou objeto posicionado cumpre tais funções. Lawson (2019) traz exemplos como uma bicicleta com pneu furado ou monarcas empossados com tênue idade. Nas palavras de Lawson (2019, p. 210): *“constitution is one thing. That is essentially organizational. Success in terms of a specific component item serving an existing component function is something else, a matter that depends in some part on the capacities of the occupant”*. Portanto, se por um lado há a necessidade de capacidades específicas como características pré-existentes ao item posicionado, por outro deve haver a aceitação generalizada dos participantes da comunidade a tal posicionamento. A realidade social depende fundamentalmente de tal aceitação, que acaba por limitar a estruturação às práticas comunitárias (LAWSON, 2019, p.16). No entanto, seria um erro ontológico considerar a igualdade entre um item posicionado e o item em si. Tal reducionismo desconsideraria que ao posicionar-se existem propriedades relacionais diferentes que emergem. Essa discussão fica mais evidente ao analisar a natureza da moeda e a problemática de se tomar o item em si como definição da posição tomada (LAWSON, 2018; 2019; 2022).

Lawson passa a se debruçar, então, sobre a natureza da moeda, tema frequente na literatura econômica. Seu entendimento passa pela lente da teoria do posicionamento social. Assim, há um papel fundamental do posicionamento social comunitário na definição da natureza da moeda, tido como um fenômeno posicional derivado da organização comunitária (LAWSON, 2022, p. 24). Expressar tais aspectos relacionais enfatizando as características de adequação e aceitação comunitária ao invés de apenas focar na relação crédito-débito revelaria a posição social de “item de confiança” como forma de aquisição de poder, além de meio de pagamento (MORGAN, 2020, p.141). A questão que se coloca é, se a característica “ser meio de pagamento” é primordial para ser moeda, como algo é capaz de possuir tal propriedade? Nesse sentido, entender a organização comunitária leva a considerar que o próprio sistema é configurado para incluir um componente com tal função, havendo uma constituição de relações de direitos e obrigações, geralmente pelo Estado, que determina a posição de moeda. Tais relações são, portanto, aceitas pela comunidade. Nas palavras de Lawson (2019, p. 213): *“there is likely always an underlying role for organizing structure in a social ontology of Money”*.

Há, portanto, uma estrutura organizacional que posiciona um item à condição de moeda, essa constituída em termos de direitos e obrigações que suportam e possibilitam o uso como meio de pagamento para a comunidade. Além disso, Lawson (2022) demonstra a importância da confiança da comunidade na manutenção do valor, propriedade primordial para algo ser posicionado como moeda. Modernamente, o ocupante da posição moeda seria um débito bancário. Assim, a moeda é um item legalmente construído e a teoria tradicional acaba negligenciado o fator organizacional, analisando apenas as propriedades dos itens posicionados como moeda. A diferença, portanto, na análise a partir da teoria do posicionamento social, está no entendimento de como se deu a organização comunitária que posiciona aquele componente como moeda. Os problemas com as teorias da moeda em geral estariam em considerar apenas o item posicionado como moeda em si (moeda como débito ou moeda como mercadoria). Lawson (2022, p. 31) chama de reducionismo essa consideração do item posicionado aparte da organização comunitária, a saber: *“Money, according to social positioning theory, is (like indeed all other social phenomena) a combination always of the ‘universal’ and the particular”*.

Ao introduzir o processo comunitário de posicionamento à análise monetária Lawson (2019; 2022) acredita estar solucionando grande parte da problemática em torno do tema na literatura. As questões de posicionamento já teriam sido levantadas, de algum modo, por Keynes e Marx. Keynes já diferenciava a posição moeda do item posicionado como moeda, considerando a moeda como além de débito em si, conforme demonstra Lawson (2022, p.35):

If Keynes is clear that the character of money is other than that of debt and works differently, Marx is at least as clear that where metals such as gold or silver are used in forming money, and for Marx money has indeed been formed out of them, these metals both in themselves, and even when (positioned as) commodities, are never money (...)Whether or not it is appropriate, ultimately, to interpret contributors like Keynes and Marx as I have, it should be clear that many of their insights are at least easily accommodated by, and straightforwardly rendered intelligible in terms of, the theory of social positioning .

A teoria do posicionamento social pode então ir além e esclarecer a natureza de fenômenos sociais como, por exemplo, questões de gênero e de classe social que prevalecem na maioria das comunidades. Como uma teoria de ontologia social não se propõe normativa, podendo levar a diversas teorias mais substantivas a partir do entendimento da natureza do fenômeno. Adicionar a análise empírica seria um segundo passo, após a apreciação ontológica. Portanto, a teoria como objeto de trabalho atual de Lawson se mostra em constante evolução e adaptação, sendo ainda fruto de um trabalho coletivo desenvolvido atualmente em Cambridge

(MORGAN, 2020, p.138). Ademais, há uma ênfase no caráter não determinista da teoria. Lawson (2022, p.8) diz: “*social reality in the form of community being, is always and everywhere characterised by contestation, crises, contingencies, mistakes, malfunctioning, contradictions and so forth*”.

Entender os processos que levam as pessoas e objetos à organização como componentes de uma totalidade levaria também a uma possibilidade emancipatória dos agentes, refletindo sobre a distribuição desigual de oportunidades e o que levaria a isso. Ao separar o ocupante de uma posição com a organização que leva a posição em si é possível entender as questões de poder que caracterizam certas posições em detrimento de uma defesa culpabilizadora de capacidades intrínsecas dos indivíduos, como demonstra o trecho abaixo:

For it is not unusual to find many community participants, even those faced with the most limited range of opportunities, as well as commentators on the topic, attributing (erroneously) the varying qualities of life experiences, lifestyles and levels or standards of well-being, that reflect the unequal distributions of opportunities and powers that characterise certain positions of gender, race and class, to supposed differential intrinsic capacities of position occupants. With individuals in practice mostly allocated to a specific gender, etc., positions according to factors such as (prevailing interpretations of) biological or physical markings or families or locations of origin, the consequence is, in effect, a perpetuation of erroneous (naïve) forms of biological essentialism (LAWSON, 2022, p. 23)

Portanto, a fase atual de escritos de Lawson demonstra uma maturidade na busca de uma unidade ontológica nas ciências sociais como um todo. Retomando a defesa de uma unidade de perspectiva filosófica na heterodoxia econômica, conforme expressada mais nitidamente na segunda fase, o autor busca demonstrar novas possibilidades metodológicas à ciência econômica e a busca pelo debate em torno de termos que importam à literatura econômica a partir da teoria do posicionamento social. A teoria/metodologia não é normativa, no sentido de impor uma única forma de trabalho, e vem sendo examinada por correntes da heterodoxia econômica, como demonstra William Waller (2020, p. 1183) no trecho a seguir:

Lawson’s theory of social positioning is useful in clarifying institution creation and adjustment. Additionally, it should focus the attention of original institutionalists on the issues of the processes of community acceptance of social relationships, the establishment of trust and legitimacy in social institutions, and the careful analysis and identification of processes identified as resulting in emergent properties (and their accompanying organization of lower-level properties) (WALLER, 2020, p. 1183)

Em suma, o interesse de Lawson pela análise do pensamento da heterodoxia econômica foi alargado por um interesse nas ciências sociais como um todo. A teoria do

posicionamento social oferece, portanto, uma perspectiva transdisciplinar visando à emancipação humana ao entender os mecanismos que levam à organização social e à distribuição de oportunidades em uma comunidade. A busca ontológica de Lawson levou, assim, ao entendimento da importância de se revelar outros possíveis modos de ser no mundo, enfatizando a proposta de uma “virada ontológica”, trabalho ainda em constante desenvolvimento pelo autor e pelo “*Cambridge Ontology Group*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a concepção de unidade ontológica nos escritos de Tony Lawson leva a compreensão do não reducionismo da tese do autor à simples negação da modelagem matemática. O posicionamento de Lawson contra a imposição da modelagem matemática, como única forma possível de se fazer ciência econômica, se coloca a partir da defesa de uma perspectiva filosófica da realidade que exalte a natureza do objeto estudado e a conformação ontológica com o método utilizado. Nesse sentido, o *mainstream* econômico se apresentaria como metodologia excludente, e a análise dos aspectos comuns à heterodoxia demonstra a possível pluralidade metodológica para além da teoria dominante. Porém, defender a unidade ontológica heterodoxa não o exime de um posicionamento crítico também em relação à própria heterodoxia, como demonstra o trecho a seguir em Lawson (2009, p. 116):

*But I can certainly be critical even in the context of the traditional heterodox groupings. I mean, we find all sorts of funny things going on at heterodox economics conferences. There are people there who still think that theorems are the most important thing. They are just more tolerant than the mainstream in the sense that they do not try to make everyone else do theorems. Others think that econometrics is necessary to applied work. Most strangely, perhaps, there are those that seem to think that a switch from linear to non-linear forms of mathematical modelling represents some kind of advance in terms of realism. Worst of all, there are those, overlapping with some of those already mentioned, who apparently believe that, so long as conclusions already thought to be correct are reached, it does not matter what methods or assumptions are employed. And there are post-modernists who think we cannot say anything much about anything. **I can be critical, but I put the emphasis more on unification and commonality.** (GRIFO NOSSO)*

Ao trazer a discussão ontológica para a metodologia econômica Lawson expande a discussão e expõe um novo olhar ao fazer econômico além da formalização matemática. Não se trata, no entanto, de uma crítica à modelagem matemática em si, mas ao seu emprego em condições em que não é aceitável, pois em desajuste com o objeto social analisado. Para Morgan (2020, p.141) “*Lawson is not claiming originality of subject matter, he is rather demonstrating the originality of looking at the problem differently, bringing a systematic ontological type of inquiry to bear*”.

Assim, a originalidade em se olhar a partir de uma perspectiva ontológica diversa para os problemas sociais levou Lawson à defesa de uma ontologia social que vem sendo amplamente trabalhada nas ciências econômicas. Lewis, *et al* (2020) demonstra como a ênfase ao comprometimento ontológico pode auxiliar à história do pensamento econômico citando diversos trabalhos realizados por participantes do “*Cambridge Social Ontology*

Group” como Steve Fleetwood , Clive Lawson e Tony Lawson. Há, portanto, diversos caminhos possíveis a partir da contribuição de uma análise baseada na ontologia social. Nas palavras de Lewis (2020, p. 988) “*Although historically informed contributions to socio-scientific ontology are now more common than they once were, there is also considerable scope for development on this front*”.

A importância da análise da evolução de uma concepção crítica na obra de um autor, conforme buscado nesse trabalho, demonstra-se pela possibilidade de apreensão de aspectos ao longo do tempo. Entender as referências filosóficas e econômicas no início dos escritos colabora com a definição do teor da crítica apresentada inicialmente. Além disso, a própria denominação de Lawson como defensor de um realismo crítico passa por escrutínio ao focar na evolução da perspectiva ontológica defendida pelo autor. Finalmente, a atual defesa de uma teoria do posicionamento social permite também compreender os possíveis caminhos a serem seguidos, pelo autor e pelo grupo ao seu redor em Cambridge, a partir do comprometimento com uma teoria da ontologia social.

REFERÊNCIAS

- ARCHER, M. **Realist social theory: the morphogenetic approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- BHASKAR, R. **A Realist Theory of Science**. Routledge, 2008 [1975].
- CARTWRIGHT, N. Ceteris Paribus Laws and socio-economic machines. In: MÄKI, U (ed.). **The Economic Worldview**, Cambridge: Cambridge University Press.
- CARVALHO, F. J. C. Expectativas, incerteza e convenções . In: MONTEIRO FILHA, D. C.; PRADO, L. C. D.; LASTRES, H. M. M. (Orgs.). **Estratégias de desenvolvimento, política industrial e inovação: ensaios em memória de Fabio Erber**. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2014.
- COLANDER, D.; HOLT, R. P. F.; ROSSER, J. B. The changing face of mainstream economics. **Review of Political Economy**, v. 16, n. 4, p. 485–499, 2004.
- DEQUECH, D. Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics, **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 30, n. 2, p.279-302, 2007.
- FAULKNER, P.; PRATTEN, S.; RUNDE, J. Cambridge Social Ontology: Clarification, Development and Deployment. **Cambridge Journal of Economics**, v. 41, n. 5, p. 1265–1277, 2017.
- FULLBROOK, E (ed). **Ontology and Economics: Tony Lawson and His Critics**. Routledge, 2009.
- GRUCHY, A. **Modern Economic Thought: the American Contribution**. New York: Prentice-Hall, 1947.
- HAHN, H.; NEURATH, O.; CARNAP, R. A concepção científica do mundo – O círculo de Viena. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, v. 10, p. 5-20, 1986.
- HANDS, D. W. **Reflection Without Rules: Economic Methodology and Contemporary Science Theory**, Cambridge University Press, Cambridge and New York, 2001.
- HODGSON, G. M. What is the essence of institutional economics? **Journal of Economic Issues**, v. 34, n. 2, p. 317–329, 2000.
- HODGSON, G. M. Reconstitutive Downward Causation: Social structure and the development of individual agency. In: FULLBROOK, E (ed.). **Intersubjectivity in Economics: Agents and Structures**. Routledge, London, 2002.
- HODGSON, G. M. Reclaiming habit for institutional economics. **Journal of Economic Psychology**, v. 25, p. 651-660, 2004.
- HODGSON, G. M. Characterizing Institutional and Heterodox Economics—A Reply to Tony Lawson. **Evolutionary and Institutional Economics Review**, v. 2, n. 2, p. 213–223, 2006.

HODGSON, G. M. On the Problem of Formalism in Economics. In: FULLBROOK, E (ed.). **Ontology and Economics: Tony Lawson and his critics**. Routledge, London, 2009.

KEYNES, J. M. **The Collected Writings of John Maynard Keynes**, vol. VIII, The Treatise on Probability. Royal Economic Society. 1921 [1973].

KEYNES, J.M. **The Collected Writings of John Maynard Keynes**, vol. XIV, The General Theory and After: Part II, Defence and Development. Royal Economic Society. 2013.

LAWSON, T. Keynesian model building and the rational expectations critique. **Cambridge Journal of Economics**, v. 5, n. 4, p. 311–326, 1981.

LAWSON, T. On the stability of the inter-industry structure of earnings in the UK: 1954–1978. **Cambridge Journal of Economics**, v. 6, n. 3, p. 249–266, 1982.

LAWSON, T. Different approaches to economic modelling. **Cambridge Journal of Economics**, v. 7, n. 1, p. 77–84, 1983.

LAWSON, T. The context of prediction (and the paradox of confirmation). **British Journal for the Philosophy of Science**, v. 36, n. 4, p. 393–407, 1985a.

LAWSON, T. Keynes, prediction and econometrics. In: LAWSON, T. ; PESARAN, H. (eds.) **Keynes' economics: Methodological issues**. London and Sydney: Croom Helm, 1985b.

LAWSON, T. Uncertainty and Economic Analysis. **The Economic Journal**, v. 95, n. 380, p. 909, 1985c.

LAWSON, T. The relative/absolute nature of knowledge and economic analysis. **The Economic Journal**, v. n. 97, n. 388, p. 951–970, 1987.

LAWSON, T. Probability and Uncertainty in Economic Analysis. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 11, n. 1, p. 38–65, 1988.

LAWSON, T. Abstraction, tendencies and stylised facts: A realist approach to economic analysis. **Cambridge Journal of Economics**, v. 13, n. 1, p. 59–78, 1989a.

LAWSON, T. Realism and Instrumentalism in the development of Econometrics. **Oxford Economic Papers**, v. 41, n. 1, p. 236–258, 1989b.

LAWSON, T. A Realist Theory for Economics. In: BACKHOUSE, R. (ed.) **New Directions in Economics Methodology**. Routledge, 1994a.

LAWSON, T. The Nature of Post Keynesianism and Its Links to Other Traditions: A Realist Perspective. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 16, n. 4, p. 503–538, 1994b.

LAWSON, T. Why are so many economists so opposed to methodology? **Journal of Economic Methodology**, v. 1, n. 1, p. 105–134, 1994c.

LAWSON, T. The Lucas Critique. **Cambridge Journal of Economics**, v. 19, p. 257–276, 1995a.

LAWSON, T. A Realist Perspective on Contemporary “Economic Theory”. **Journal of Economic Issues**, v. 29, n. 1, p. 1–32, 1995b.

LAWSON, T. Developments in economics as realist social theory. **Review of Social Economy**, v. 54, n. 4, p. 405–422, 1996.

LAWSON, T. **Economics and reality**. Routledge, 1997.

LAWSON, T. Should economics be an evolutionary science? Veblen's concern and philosophical legacy. **Journal of Economic Issues**, v. 36, n. 2, p. 279–292, 2002.

LAWSON, T. **Reorienting economics**. Routledge, London, 2003a.

LAWSON, T. Institutionalism: On the need to firm up notions of social structure and the human subject. **Journal of Economic Issues**, v. 37, n. 1, p. 175–207, 2003b.

LAWSON, T. **A Conception of Ontology**, mimeo, Cambridge, 2004.

LAWSON, T. The Nature of Institutional Economics. **Evolutionary and Institutional Economics Review**, v. 2, n. 1, p. 7–20, 2005.

LAWSON, T. The nature of heterodox economics. **Cambridge Journal of Economics**, v. 30, n. 4, p. 483–505, 2006.

LAWSON, T. Cambridge social ontology: an interview with Tony Lawson. **Erasmus Journal for Philosophy and Economics**, v.2, n.1, p. 100-122, 2009.

LAWSON, T. Emergence and Morphogenesis: Causal Reduction and Downward Causation? In: ARCHER, M. (ed.) **Social Morphogenesis**. Springer, 2013.

LAWSON, T. Comparing Conceptions of Social Ontology: Emergent Social Entities and/or Institutional Facts? **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 46, n. 4, p. 359–399, 2016a.

LAWSON, T. Some Critical Issues in Social Ontology: Reply to John Searle. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 46, n. 4, p. 426–437, 2016b.

LAWSON, T. Eudaimonic Bubbles, Social Change and the NHS. In: ARCHER, M. **Morphogenesis and Eudaimonia**. Springer, 2017.

LAWSON, T. The Constitution and Nature of Money. **Cambridge Journal of Economics**, v. 42, n. 3, p. 851–873, 2018.

LAWSON, T. **The Nature of Social Reality: Issues in Social Ontology**. Routledge, 2019.

LAWSON, T. Social positioning theory. **Cambridge Journal of Economics**, v. 46, n. 1, p. 1–39, 2022.

LEE, F. **A History of Heterodox Economics: challenging the mainstream in the twentieth century**. Routledge, 2009.

LEWIS, P; MOURA, M. G.; RUNDE, J. Ontology and the history of economic thought: an introduction. **Cambridge Journal of Economics**, v. 44, n. 5, p. 981-990, 2020.

MÄKI, U. On the method of isolation in economics. **Poznan Studies in the Philosophy of the Sciences and the Humanities**, v. 26, n. 4, p. 317-351, 1992.

MÄKI, U. Models are experiments, experiments are models. **Journal of Economic Methodology**, v. 12, n. 2, p. 303-315, 2005.

MARTINS, N. O. The Cambridge economic tradition and the distribution of the social surplus. **Cambridge Journal of Economics**, v. 45, p. 225-241, 2021.

MARTINS, N. O. Cambridge social ontology and the reconstruction of economic theory. In: CHESTER, L.; JO, T. (eds.) **Heterodox Economics: Legacy and Prospects**. World Economics Association BOOK SERIES, Bristol, UK, 2022.

MAYHEW, A. Culture: Core Concept under Attack. **Journal of Economic Issues**, v. 21, n. 2, p. 586–603, 1987.

MAYHEW, A. Comments on Papers Presented at the “Institutional Economics at the Millennium: Its Past and Future” Session, January 2000. **Journal of Economic Issues**, v. 34, n. 2, p. 331–333, 2000.

MORGAN, J. Review Essay: Tony Lawson, Economics and the Theory of Social Positioning. **Real- World Economics Review**, v. 91, p. 132–145, 2020.

MORGAN, J.; LAWSON, T. Cambridge social ontology, the philosophical critique of modern economics and social positioning theory: an interview with Tony Lawson, part 1, **Journal of Critical Realism**, v. 20, n. 1, p. 72-97, 2021a.

MORGAN, J.; LAWSON, T. Cambridge social ontology, the philosophical critique of modern economics and social positioning theory: an interview with Tony Lawson, part 2, **Journal of Critical Realism**, v. 20, n. 2, p. 201-237, 2021b.

NEALE, W. Institutions. **Journal of Economic Issues**, v. 21, n. 3, p. 1177-1206, 1987.

PRATTEN, S (ed.). **Social Ontology and Modern Economics**. Routledge, New York. 2015.

VAN ECK, N. J., WALTMAN, L. Software survey: VOSviewer, a computer program for bibliometric mapping. **Scientometrics**, v. 84, p. 523-538, 2010.

VEBLEN, T. Why is economics not an evolutionary science? **Quarterly Journal of Economics**, v.12, n.4, p. 373-397, 1898.

WALLER, W. The Nature of Social Reality: Issues in Social Ontology, by Tony Lawson. **Journal of Economic Issues**, v. 54, n. 4, p. 1178–1183, 2020.

APÊNDICE 1 – ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA/CIENTOMÉTRICA: *VOSVIEWER*

A ferramenta *VOSviewer* permite a criação de mapas de análise de frequência de ocorrência de palavras e de citação e cocitação – citação conjunta de documentos – que ajudarão a demonstrar a evolução e estrutura do pensamento de Tony Lawson ao longo dos anos, bem como a mudança de temas e referências utilizadas em cada fase proposta. A base de dados textuais foi definida realizando-se a consulta à coleção bibliográfica *Scopus*, utilizando como parâmetro de busca “Lawson, Tony”, a afiliação “*University of Cambridge*” e limitando a linguagem utilizada ao inglês. A partir dessa busca foram encontrados 98 documentos, entre artigos, livros e capítulos de livros³⁰. Realizando a mesma busca na base de dados *Web of Science (WOS)* encontram-se apenas 14 documentos. Assim, a análise foi feita a partir das informações contidas na coleção bibliográfica apresentada na base *Scopus* devido a maior abrangência das publicações.

A medição de coocorrência de palavras (co-word) permite identificar a modificação na utilização de conceitos ao longo dos anos, bem como entender quais são os temas emergentes. Nos grafos apresentados importa a espessura das chamadas arestas, conexões entre os termos, que refletem a força da relação entre dois itens (VAN ECK, WALTMAN, 2010). No caso da análise de cocitação as conexões são feitas pelo número de links ou citações mútuas entre os autores. Ainda, a distância entre os links no grafo demonstram maior ou menor relação entre eles, formando *clusters* de diferentes cores por agrupamento e intensidade da ligação, grupos de itens com alguma proximidade são representados com uma mesma coloração. Cada mapa demonstra um tipo de link/relação, ou de cocitação, ou de coocorrência entre os termos, por exemplo.

No grafo de cocitação de autores apresentado na Figura 1 foram utilizados 15 documentos, representando a primeira fase de produção de Lawson (1980-1997). Criou-se um mapa baseado em dados bibliográficos captados da base *Scopus*, utilizando como tipo de análise a cocitação e como unidade de análise os autores citados. Além disso, optou-se pelo método de contagem completo, que não considera pesos diversos a cada relação de cocitação. Os seis autores que ilustram o grafo correspondem aos que foram citados minimamente dezesseis vezes, conforme quadro demonstrativo a seguir que demonstra também a força do link de cocitação de cada autor:

³⁰ Acesso remoto por meio do Portal de Periódicos da Capes via CAFE em 16 de agosto de 2022.

Figura 6: Imagem *VOSviewer* – Fase 1

Selected	Author	Citations	Total link strength
<input checked="" type="checkbox"/>	lawson, t.	40	277
<input checked="" type="checkbox"/>	tinbergen, j.	16	256
<input checked="" type="checkbox"/>	hendry, d.f.	20	249
<input checked="" type="checkbox"/>	bhaskar, r.	17	140
<input checked="" type="checkbox"/>	keynes, j.m.	17	126
<input checked="" type="checkbox"/>	kaldor, n.	17	32

Fonte: *VOSviewer*

Para a criação do grafo de coocorrência de termos da fase 2, apresentado na Figura 4 a foram utilizados os dados bibliográficos de 38 documentos da base *Scopus* referentes à segunda fase das publicações de Lawson – 1998-2009. A opção do tipo de análise foi o de coocorrência e como unidade de análise todas as palavras chaves (*all keywords*), que representam a união das palavras chave do autor e de um index automático. O método de contagem também foi o completo e não fracionado. Ainda, o número mínimo de uma palavra chave foi limitado a duas ocorrências, encontrando-se sete palavras:

Figura 7: Imagem *VOSviewer* – Fase 2

Selected	Keyword	Occurrences	Total link strength
<input checked="" type="checkbox"/>	ontology	9	12
<input checked="" type="checkbox"/>	heterodox economics	2	5
<input checked="" type="checkbox"/>	mainstream economics	2	5
<input checked="" type="checkbox"/>	economic theory	2	4
<input checked="" type="checkbox"/>	equilibrium	2	4
<input checked="" type="checkbox"/>	economic analysis	2	3
<input checked="" type="checkbox"/>	economic modelling	2	3

Fonte: *VOSviewer*

Finalmente, o grafo da figura 6 representa a análise de coocorrência de termos nas três fases de escritos (1980 - 2022). No entanto, diferentemente do grafo anterior, utilizou-se a opção de criação a partir de dados de texto (*create a map based on text data*) que permite analisar dados textuais dos 98 documentos relativos às três fases. Os termos foram extraídos dos títulos e resumos dos textos utilizando-se a contagem completa e não fracionada e considerando o número mínimo de 4 coocorrências. Inicialmente foram encontrados 38

termos, porém, nesse caso foi necessária uma limpeza dos termos menos relevantes à análise (*school, part, notion, practice, case, context, project, contribution, community, sort, implication, form, conception, opportunity, argument, system*) chegando-se aos 22 termos apresentados nos quatro *clusters*.